

EX-LIBRIS

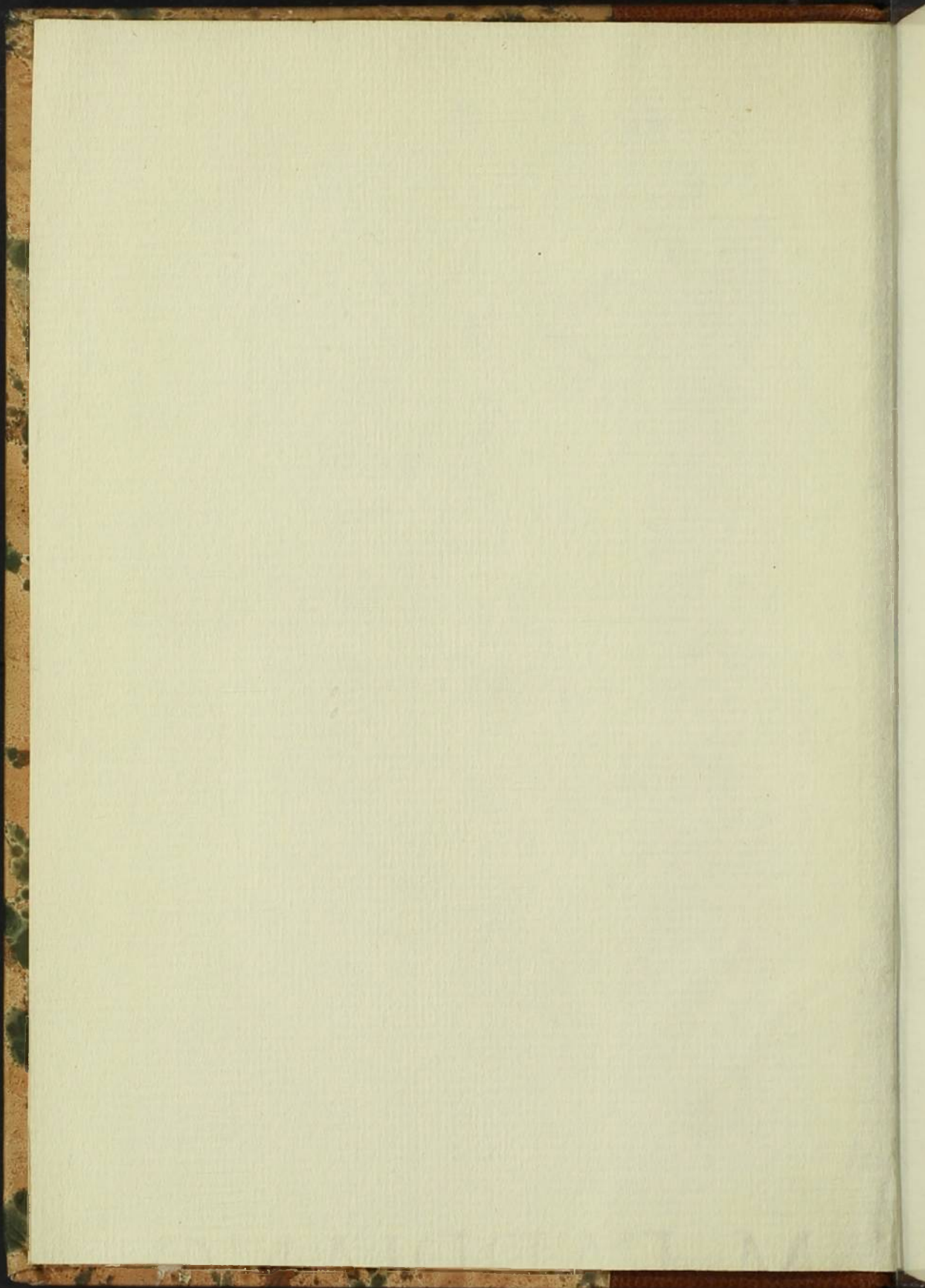


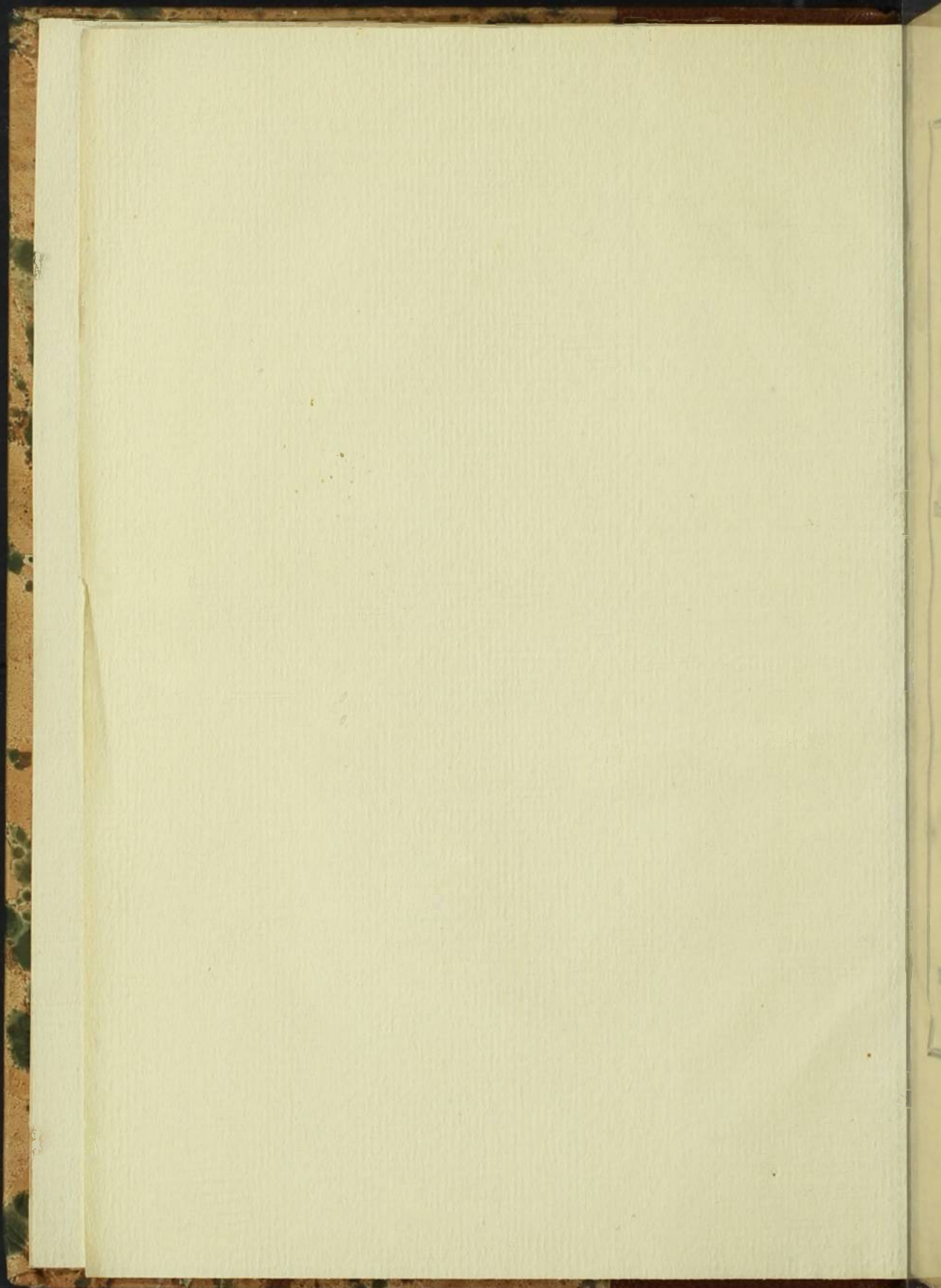
BORBA
MORAES

RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

W.







A
FACÇÃO SAQUAREMA

CONSIDERAÇÕES POLITICAS

DE

AGOSTINHO JOSÉ D'OLIVEIRA MACHADO

Bacharel formado em sciencias sociaes e juridicas
pela Academia de São Paulo.



SANTOS

TYP IMPARCIAL DE F. M. R. D'ALMEIDA

1851.

FACTORY SHOWS

CONVENTION

OF THE

MANUFACTURERS OF THE UNITED STATES



SHOWS

THE NATIONAL DEPT. OF COMMERCE

1881

A FACÇÃO SAQUAREMA.

A FACÇÃO SAQUAREMA.

A
FACÇÃO SAQUAREMA

CONSIDERAÇÕES POLITICAS

DE

AGOSTINHO JOSÉ D'OLIVEIRA MACHADO

Bacharel formado em sciencias sociaes e juridicas
pela Academia de São Paulo.



SANTOS

TIPO IMPARCIAL DE F. M. R. D'ALMEIDA
1851.

A
FACÇÃO SAQUAREMA

CONSIDERAÇÕES POLITICAS

DE

AGOSTINHO JOSE D'OLIVEIRA MACHADO

Licenciado formado em sciencias sociaes e juridicas
pela Academia de São Paulo.



SAVAYOS

THE IMPRINT OF R. M. D'ALMEIDA

1851

INTRODUÇÃO.

Não é a orgulhosa pretensão de querer figurar como auctor, nem o immodesto desejo de recomendar meu nome, quem me induz a intentar hoje debaixo de minha assignatura a publicação de alguns escriptos meus, que tem apparecido nas columnas do *Nacional*; outros motivos mais ponderosos, e menos egoistas decidiram-me a um passo, que a não ser elles por certo eu não daria. Retirado do turbilhão da politica pelo espaço de quasi trez annos, e entregue às minhas meditações de gabinete, vi com dor a marcha tortuosa, que iam tomando os publicos negocios; e com quanto a ninguem manifestasse meus sentimentos, que ficavam encerrados no ambito de meu peito, o futuro de minha patria, cujo horisonte se ia

toldando de negras, condensadas nuvens, occupava-me todo o pensamento.

Victima das injustiças dos homens, desgostoso d'essa vida de agitação, em que gastei os meus primeiros annos, pensei, que no retiro, a que me tinha condemnado, gozasse ao menos de algum repouso, que não podia achar no redomoinho do mundo, e que n'esse abandono se me riscasse da memoria a politica, e suas tormentas — enganeme. O homem, que uma vez envolveu-se nos negocios de seu paiz, que n'elles tomou parte activa, como tomei, embora provasse só absinthio, ja não é senhor de alguns momentos para dispende-los em outra parte ; todos os seus sentidos voltam-se de continuo para esse lado, pertence corpo e alma a sua patria, seu unico, seu duradouro amor. O maritimo ja affeito ás vagas do oceano, que muitas vezes quasi o tem tragado ; victima das tempestades, que se agitam em redor de seu navio, protesta n'essas horas minguadas não mais embarcar-se ; no entanto os seus habitos, que formam-lhe uma segunda natureza, e por isso mais fortes que todos os seus protestos, o chamam de novo à vida do mar, e ei-lo outra vez desafian-do as furias do salgado elemento ! O maritimo é a imagem do homem politico, está para este a

patria, como para aquelle o oceano ; sua vida se gasta em seu serviço, embora lhe seja ella ingrata, e como Camões tenha de finir-se na encherga da miseria. Seu coração titila o tão doce nome; não pode ser indifferente á sua sorte ; folga, se ella caminha na estrada do progresso ; cobre-se de dó, e chora seus infortunios, se mãos sacrilegas tentam retalhá-la. Luiz XVIII no destêrro, longe do solo natal fazia ardentes preces por sua felicidade ; Napoleão exilado em Santa Helena ainda se occupava com os destinos da França. O amor da patria é um sentimento gravado no fundo do coração do homem, não ha poder, que consiga arrancá-lo ; e só a morte o pôde anniquilar, tirando ao mesmo homem o sopro da existencia !

O retiro porem trouxe-me uma vantagem incalculavel, que foi offerecer-me ensejo para elucidar muitos pontos de politica, sôbre que ainda não havia descerrado os olhos. Longe da lucta dos partidos, estranho inteiramente ás polemicas ventiladas pela imprensa, tudo pezei, tudo estudei, e então pude avaliar desapaixonado, e em seu verdadeiro quilate, as tendencias de ambos os partidos ; e o resultado foi robustecer-me nas minhas antigas crenças, e devotar-me todo ao partido liberal.

VIII

Por esse tempo empreendi uma viagem á côrte, e tive occasião de conhecer de perto, e relacionar-me com alguns membros proeminentes d'esta opinião, o que muito influio sóbre o meu modo de encarar as cousas, razão, porque menciono esta circumstancia. A amizade, que travei com o illustre finado Desembargador Nunes Machado ; as maneiras urbanas, com que este honrado Brasileiro sabia attrahir as sympathias ; seu entusiasmo pela causa da liberdade ; sua eloquencia atrebatadora, que fazia calar no espirito de seus ouvintes as suas mais profundas convicções ; e sobretudo a sublimidade, e desinteresse de suas vistas politicas, abalaram-me tão fortemente, que estive por momentos a abandonar todo o meu plano de conducta, e envolver-me de novo na politica ; mas não querendo abalançar-me a um passo, como este, tão de afogadilho, resolvi-me a escutar os dictames da prudencia, e acastelar-me ainda por algum tempo nos reductos da reserva.

Não devendo porem ignorar os negocios do meu paiz, continuei a estudar a marcha da politica, a seguir todas as suas ondulações, avaliar os homens, e as cousas, a tomar os factos em todos os seus pontos de vista, afim de enriquecer a minha in-

telligencia, e poder melhor servir a minha patria; quando ella exigisse o meu concurso. Não perdi o meu tempo, e folgo em dizer, que alguma cousa sempre aprendi na calma do silencio, longe d'essas scenas, em que se debatem tantas paixões desenfreadas.

Por essa occasião funcionava o parlamento, e fui testemunha das scenas, que se passaram na camara temporaria em consequencia dos acontecimentos de 7, 8 e 9 de setembro de 1848; presenciei todos os debates em suas relações com o governo, e ja de então conheci, quanto estava falsado entre nós o systema representativo. A maneira, porque marchava o gabinete de 31 de maio; a vida de mero expediente, que os ministros haviam adoptado na ausencia do presidente do conselho, enfermo em São Domingos; a conducta vacillante da camara, que parecia não ter consciencia da segurança de sua posição, incitaram-me o desejo de querer aprofundar as causas, que motivavam tão inexplicavel phenomeno, e pude conhecer, que o ministerio era intorpecido em sua marcha por um poder occulto, e misterioso, cuja existencia era um problema sem solução diante dos principios constitucionaes, poder esse, que tomava a peito contrariar a sua politica.

Desde então augurei, que a vida d'esse ministerio não podia ser longa, pois que victima d'essa guerra á surdita, que se lhe promovia, e juguete de intrigas subterraneas, tinha de retirar-se dos conselhos da coroa, e os liberaes deviam ceder forçosamente o seu logar aos saquaremas, que se agitavam fortemente por traz dos reposteiros. Minhas previsões realisaram-se, e os liberaes cahiram, quando menos se esperava, porque n'este paiz, em que o systema representativo é uma irrisão, e tudo caminha anormalmente, ministerios, que na vespera ainda se julgam fortes pela confiança da coroa, se dissolvem repentinamente em face das camaras, que os appoiam; e os estadistas da actualidade, sem levar em linha de conta a vontade da nação, que deve ser ouvida em negocios, que a affectam tão de perto, variam de politica, como se muda de fato, sem que em sua alta sabedoria se dignem medir os perigos d'estes saltos mortaes! O dia de São Miguel deu-nos pois este enigma indecifrável, e consagrou, á vista da multidão maravilhada, a ascensão areostatica do partido saquarema!

De então para cá comprehendi a necessidade de voltar á politica, e collocar-me ao lado dos meus amigos, para junctos combatermos um ministerio;

que ja havia começado muito mal a sua carreira. Retirando-me da corte trouxe impressos na memoria os terrores, que me surpresaram sobre o futuro do imperio, e não me illudi, porque o norte do Brasil se ostentava carregado de negras cores, que annunciavam a proximidade da tormenta, e todos vimos, qual foi o desfecho do movimento, que appareceu em Pernambuco, fatal em todos os sentidos à causa nacional. Os horrores practicados n'essa provincia depois de vencida a revolta, excederam a tudo quanto ha de horrivel na historia das dissensões civis; as proscricções de Silla, e Mario nada foram à vista da carnefina de Pernambuco, e a fria barbaridade dos vencedores revoltou aos homens honestos, e amigos de seu paiz. Julguei então, que a patria reclamava os serviços de todos os seus filhos, e fiel à minha promessa de acudir aos seus reclamos, promessa feita ao retirar-me da politica, preparei-me para tomar parte na lucta, que se ia empenhar contra o monstro do despotismo, que se ostentava disfarçado debaixo de mil arrogantes fórmas.

No entanto davam-se passos para estabelecer-se uma imprensa n'esta importante cidade, que sendo o ponto mais culminante depois da capti-

tal por ser um porto de embarque, para onde accode todo o commercio da provincia, devia possuir este poderoso vehiculo da civilisação. O projecto foi avante, e o *Nacional* appareceu, campeão das liberdades publicas, que vinha postar-se de atalaia ao lado dos defensores da lei.

Concebi então a necessidade de escrever alguns artigos, em que extremasse as doutrinas dos dous partidos, e que apresentando em sua nudez as ideas de cada-um fizesse sentir ao paiz, qual d'elles tinha lhe feito mais mal, qual a maior somma de beneficios. Levado d'estas ideas comecei a publicar nas columnas do *Nacional* o primeiro artigo sob a epigraphe.— *Os liberaes, e os saquaremas, ou a differença entre nós, e elles*— que depois por abreviação continuou debaixo da epigraphe — *A facção saquarema*. Quando comecei a escreve-lo, não previ a direcção, que as ideas iriam tomando, e sendo posteriormente forçado a dividi-lo em trez artigos, tomaram elles tal extensão, que foi impossivel publica-los por inteiro nos acanhados limites de um jornal. D'aqui accoteceu, que estas publicações parciaes de cada um d'esses artigos os fiseram perder muito de sua importancia (se importancia tinham), pois que os leitores não podiam tomar gosto na leitura

interrompida de escriptos d'esta ordem, que convêm serem lidos de uma só vez, e por isso ficaram frios, e despidos de todo o interesse do momento. Esta circumstancia, reunida as instancias de alguns amigos, decidiu-me a esta publicação por folheço, tanto mais que só assim se podiam corrigir muitos erros de impressão, e supprir algumas lacunas. Emprehendi pois este trabalho com ligeiras modificações, afim de apropria-lo a linguagem de um—pamphlet.

Tãobem não hesitei em declarar-me seu autor, e fazer-os correr debaixo de minha assignatura, porque não vejo n'isso inconveniente algum. Ja sou de ha muito conhecido por minhas opiniões liberaes, e não é de agora, que me lanço no jornalismo ; desde 1839 que me occupo da politica, e mesmo n'essa epocha, em que podia comprometter minha carreira litteraria (era então estudante na Academia de São Paulo), nunca occultei os meus escriptos, se bem que os dava a luz sob as iniciaes de meu nome. Demais se esses artigos merecem censuras, justo é, que recaiam sobre o seu verdadeiro autor, e assim se evitem juizos temerarios, que a malignidade sohe faser n'essas occasiões, em detrimento de alheias reputações. Cada um deve carregar com a cruz de seus pecca-

dos, com o merito, ou demerito de todos os seus actos.

Com esta publicação não tenho em vistas, como já disse, recommendar meu nome, porque já de ha muito estou desativado dos pensamentos de ambição, e nada mais desejo do que viver afastado dos cargos publicos, para os quaes não tenho queda, e me fallecem os precisos conhecimentos, e habilitações. Exerço uma profissão honrosa na sociedade, e me contento com essa migalha de meios, que a sorte põem à minha disposição. Filho do povo não devo elevar-me acima d'elle, pois que as honras, e distincções do Estado não convem ao humilde nascimento. Engeitado da fortuna, e pertencendo a uma classe tão espinhada, e para a qual ainda não souo a hora da redempção politica, não posso invocar em meu abono prestigio de familia, pois que abri os olhos no albergue da pobreza, e a pobreza n'este *valle de miserias* não tem titulos à protecção dos contemporaneos, e antes os inimigos se lhe surdem gratuitos a cada canto, para armados da calumnia tisnar-lhe a reputação, e envenenar-lhe a vida ! Devo morrer, como tenho vivido, pois que tenho vivido, como nasci, sempre pobre, e com o povo, (e n'isso consiste o meu brasão) ; mas o povo acha-

rá em mim um dos seus mais extremados defensores.

O Brasil, a quem submetto este meu insignificante trabalho, avaliará as minhas intenções ; a linguagem é tosca, qual se deve esperar dos limitados conhecimentos de seu auctor, mas ufano-me de haver sido veridico, e escrupuloso na exposição, e apreciação dos factos ; se errei n'este meu empenho, mereço desculpa, que fui levado pelo— *dicipimur especie recti*. O Brasil me fará justiça, e eu gostoso me sujeito ao seu verdict.

Santos 2 de fevereiro de 1851.

AGOSTINHO JOSÉ D'OLIVEIRA MACHADO.

A FACÇÃO SAQUAREMA.

I.

Todo aquelle, que no Brasil quizer, estudar a fundo a història dos partidos, que na estacada disputam a direcção do paiz, com o fim de assignalar-lhes a differença, e marcar as raias, em que se agitam, por sem dúvida que hade ver-se embaraçado em frente das difficuldades com que terá de lutar na classificação de suas idéas capitaes, e pontos de partida de cada um d'elles. Em outros pa-

izes, que se regem pelo systema representativo, ésta distincção se torna muito facil, por isso que os homens encarregados de representar as idéas de seu partido, os verdadeiros chefes, tem o cuidado de definir bem suas respectivas posições, e traduzir essas mesmas idéas por actos bem significativos de suas tendencias políticas. Em França, antes da quéda da mornachia de julho, os partidos se discriminavam por differenças tão sensíveis, que imposivel era não os reconhecer por seus principios. O legitimista, por exemplo, a cuja frente se havia postado M. Berryer, representava as idéas da antiga restauração, e todos os seus actos em harmonia com este pensamento tendiam a promover a volta do ramo mais velho dos Bourbons, dispondo o paiz para este grande acontecimento. Muitissimas vezes se discutiram leis, em que esse partido fez sentir no parlamento essas idéas, e

quando se tractou da que conferia a regencia ao duque de Nemours na menoridade do conde de Pariz, herdeiro do throno, os legitimistas a combateram com todas as suas fôrças, e invidaram todos os seus recursos para regeitá-la, porque essa lei, passando, lhes tirava toda a esperança de uma mudança de dynastia no sentido de suas crenças (o que elles olhavam como possivel,) e malograva a suspirada volta do conde de Chambord. Lei-am-se os discursos proferidos n'essa occasião pelo Sr. de La Rochejacquelein, um dos homens proeminentes d'esse lado, e ver-se-ha, que, em cada uma de suasphrases, resumbra o espirito de seu partido; é a viva encarnação de todo o seu pensamento político.

Hoje mesmo que os homens da França parecem representar papeis oppostos ás suas antigas crenças, e que os ultimos successos tem, por assim dizer, baralha-

do todas as opiniões n'esse cahos indefinivel, em que se acha mergulhada esta grande nação, a differença è ainda muito sensivel. Os orleanistas, e legitimistas, os republicanos com suas diversas seitas, e modificações, não confundem uma só vez seos principios, e conservam-se dentro de suas balizas naturaes. Nas discussões da assemblea nacional é onde se aquilata esta diversidade de doutrinas, e em cada discurso de um cidadão representante se ve fielmente retratada a feição de seu partido. É verdade que muito se falla de uma projectada liga entre os partidistas de Luiz Felippe, e sua dynastia, e os que julgam inauferriveis os direitos de Henrique V; mas parece que não terá logar tão monstruosa liga, não só porque a isso se oppoem as pretensões, que ainda não morreram no peito do illustre desterado de Claremont, como porque sería impossivel o amalgama de taes opiniões

até convergirem a favor do neto de Carlos X, sem que se choquem d'uma maneira violenta os grandes interesses d'estes dous partidos, rivaes em odios antigos, e profundos, que se votam reciprocamente.

Na Inglaterra acontece a mesma cousa. Os partidos tory, e whig estão bem definidos, representando o primeiro, as idéas conservadoras, e o segundo os principios liberaes, e se bem que n'estes ultimos tempos a fôrça dos acontecimentos levasse a muitos membros de um e outro lado a refundir suas idéas em um novo pensamento, foi isso devido aos esforços de Sir Robert Peel, que se havia posto á frente d'essas idéas moderadoras; mas a desastrada morte do illustre baronete veio aniquilar sua propria obra, porque só elle com seus vastos talentos, e prodigiosa influencia sería capaz de center esses homens no círculo de seus novos deveres; só elle poderia dar vida, e movi-

mento a essa confederação de principios, creada em face das necessidades palpitantes da Inglaterra. Mas essas idéas gigantescas, concepção de um genio vasto, como o de Sir. Robert Peel, foram despedaçar-se sôbre a lage sepulchral do eminente estadista; os homens, que se haviam reunido ante a voz magica d'esse poderoso chefe, ja se não podem mais entender á cêrca dos prncipios legados; e os dous partidos de novo se arregimentam para tomar suas antigas posições. Vai pois apparecer em toda a sua extensão a luta renhida entre os torys e whigs.

Entre nós pôrem difficil é marcar-se a linha divisoria entre as duas parcialidades, em que o paiz se acha dividido. Em primeiro logar essas parcialidades, ou partidos, como se lhes queira chamar, se acham muito mal organizados, e peor descplinados, e em segundo os chefes, com honrosas exepções, ainda não

compreenderam as necessidades de seus partidos, e pouco fazem para guia-los ao ponto, em que devem combater; pois que em geral só tractam em accomodar suas exigencias pessoaes, e, depois de terem galgado ás altas posições do Estado, não se importam com os seus deveres do commando, mormente se entram no suspirado alcaçar do Senado, e deixam os seus partidistas entregues a si mesmos, a revolverem-se na acanhada esphera da vontade individual. Poucos pois d'estes chefes tem as precisas qualidades para capitanear um partido, e conservá-lo firme nos habitos de obediencia, qualidades, que possuiam em gráo eminente o illustre finado, de quem ha pouco falámos, Sir Robert Peel, e o antigo chefe dos whigs Henrique Broughan.

D'aqui nasce esse encontro de interesses entre os proprios membros de um

partido; d'aqui os odios, e a guerra, que se ateia entre elles em desvantagem dos interesses da communhão: pois que sem confiança nos chefes, e privados de um centro para onde suas vistas possam convergir, cada um puxa para seu lado, e quer por si só fazer valer suas pretensões. Esses profundos ressentimentos, que de ordinario se manifestam depois de uma eleição, em que muitos amores proprios se julgam offendidos, é uma consequencia natural d'esta falta de nexo, e pensamento, que se nota na marcha dos partidos; é o resultado da indifferença dos chefes para com os seus partidarios n'essas crises febris, em que se despertam tantas ambições mais ou menos justas.

Um verdadeiro chefe de partido, apoiado no pristigio de seu nome, e na magia de seu podêr, muitas vezes mais obedecido, e respeitado do que o proprio chefe de Estado, opéra milagres n'essas

circunstancias; como Moises imporá silencio aos murmurios da multidão; como Josué fará parar no meio de seu curso a torrente d'essas ambições, que se despeñham de todos os lados, como o sol parára na sua carreira para proteger os Israelitas na peregrinação do deserto. Prestigioso saberá mover as massas a seu talante, e convertê-las n'um só corpo, n'um sò homem para erguer-se prestes ao brado da peleja, como outr'ora erguia a cabeça a desditosa Irlanda, despertada pela voz de O'Connell. É assim que se é chefe, e se exerce os deveres do commando, posição na verdade incommoda e cheia de espinhos, mas necessaria á segurança dos principios. Os nossos partidos não tem quem os dirija na senda, que devem trilhar, e quando soa a hora do combate, correm a elle desordenados, dando ás cegas á direita, e á esquerda!

Sem embargo porém d'estas observações, vejamos si nos é possível definir os principios de cada um, e fazê-los sobresahir de uma maneira satisfatoria. Se comparamos dous membros quasquer d'estas duas opiniões, teremos em resultado, que elles exprimem as mesmas idéas por diversas variantes, e que almejando os mesmos fins, discrepam apenas no emprêgo dos meios. Interrogado o genuino saquarema sôbre o seu programma politico, vos responderá--sustentar a constituição, morrer pela monarchia, defender a ordem pública e proteger os cidadãos. O liberal porém vos dirá do lado opposto — defender as liberdades públicas proteger os direitos do povo, respeitar a constituição, e a fôrma de govêrno por ella reconhecida.

Em verdade sustentar a constituição não é outra cousa mais do que observar religiosamente todos os seus

artigos, fazer com que elles sejam respeitados, e não consentir, que mãos sacrilegas polluam essa arca sancta dos direitos da nação. Morrer pela monarchia exprime a idéa de sustentá-la a todo o trance contra os ataques dos seus inimigos, e fazer que sempre prepondere esse elemento, como se acha inoculado na constituição do estado. Na defeza da ordem pública, que não consiste somente em pugnar pelas autoridades constituidas, fica virtualmente entendida a defeza dos direitos de cada um dos cidadãos, pois que, turbados estes, desaparece essa bella harmonia, que deve reinar entre os associados : e o resultado será a discordia civil, e seus horrores, a quéda dos governantes, e o dominio feroz da turbulenta anarchia. Querer pois tudo isto, é defender as publicas liberdades, é proteger os direitos do povo, é sustentar a constituição do estado, e a monarchia por ella estatuida.

Do que fica dicto, vê-se claramente que ha uma perfeita semelhança de idéas; e nem podia ser d'outro modo, porque, falando com toda a propriedade dos termos, não ha no Brasil dous partidos politicos, mas sim duas fracções, em que se acha dividido o partido monarchico, e por isso se lhes não póde assignalar essa differença radical de principios, que se nota nos partidos politicos d'outros paizes civilizados, anteriormente referidos. O partido saquarema está no Brasil para com o liberal, como esteve em França o de que era chefe Guisot para com o de Thiers, e Odillon-Barrot, como está em Portugal o cartista para com o setembrista. No entanto o curto parallelo, que i-mos estabelecer á cêrca dos principaes actos de cada um d'elles, trará a demonstração de que realmente existe uma linha de separação, apezar da semelhança de doutrinas, que todas se fundam na diver-

sidade dos meios, que ambos empregam para a consecução dos fins.

Todas as vezes que os saquaremas se acham no podêr, as medidas violentas, e de compressão são o apanagio do seu governo. Julgando insufficientes os meios legaes no meneio dos negocios publicos, presurosos se lançam na estrada do arbitrio, e dos golpes d'estado. Quando em 1837 lograram apoderar-se das redeas da administração, pela espontanea renúncia, que do cargo de regente fez esse grande cidadão, que salvou o paiz, e o throno nos dias asiagos de 1832 a 1833, todos os seus actos tenderam a consolidar o seu exclusivo dominio em toda a latitude do paiz. Os meios ordinarios não bastaram para esse grande *desideratum*, e foi preciso inventar outros, que melhor se coadunassem com suas vistas, e os encaminhassem aos fins premeditados. Entre as particularidades caracteristicas d'es-

sa epocha, doutrinas estranhas se apregoaram, e foram recibidas, como verdadeiros dogmas, ou verdades evangelicas; os habeis doutores da nova eschola proclamaram, que não havia principios fixos em politica, e que tudo estava sujeito às bullas das circunstancias! Novos Sansões pretendiram alluir as bases do edificio social, injectando nas arterias do estado o veneno da immoralidade com a predica de tão corruptas, como nojentas doutrinas. O gabinete de 19 de setembro, composto das capacidades mais culminantes d'esse lado, tornou-se célebre na história do paiz pelo emprêgo, que fez d'esses meios, gabinete corruptor, e corrompido, que cahio coberto das maldições dos Brasileiros. Data d'essa epocha o violento capricho, de que tem sido victima a magistratura, queremos fallar das remoções dos juizes de direito, e o crime de não agradar aos governantes era punido com o destêro

para uma comarca no Alto Amazonas, ou nos confins da provincia de Goyaz. É verdade, que a constituição consagrando o principio da perpetuidade d'estes magistrados, declara, comtudo, que elles são amoviveis quando o exija o bem do estado; mas uma lei regulamentar devia marcar os casos do bem-publico, em que devia ter logar a remoção, e o govêrno, valendo-se d'esta lacuna, arvorou o seu arbitrio em lei; e exaggerou esse mesmo arbitrio, fazendo uma verdadeira contradança, como hoje vemos com as frequentes remoções, destruindo a independencia do podêr judicial, e pondo os seus membros na contigencia de mendigarem os obsequios do podêr. É isto fatalissimo, e contribue poderosamente para que a justiça não seja distribuida com rectidão, e ninguem mais confie em magistrados, humildes servos dos ministros, e que varrem o pó das suas escadas para se conservar no logar.

A segunda epocha do dominio dos saquaremas foi fertil em medidas desastradas, e o ministerio, que succedeo ao de 23 de julho (brilhante meteoro, que fulgurou atravez das condensadas nuvens, que ja se agglomeravam sôbre o orizonte politico) poz a barra muito além do que se havia practicado de insolito, de violento, e de arbitrario. A opinião pública havia condemnado em seu tribunal os homens, que cairam com o fatal ministerio das 9 horas; mas por um d'esses fenomenos sem explicação possivel diante das condições normaes do systema representativo, esses homens subiram de novo á cupula do poder, e sua volta foi acompanhada da mais violenta reaccção. Homens, instituições, systemas, principios, e direitos nada foi respeitado, tudo foi victima da mais rude tirannia. Cobertos de ignomia, e tendo aviltado o paiz, se recearam da camara, que devia funcionar em 1842, como

aquella, que tinha de sentenciar seus actos, e marcal-os com o ferrete da reprobacão. Só esta idea assustadora transtornou todos os prazeres do ministerio ; era o phantasma de Hamlet, que incensante o perseguia, era a espada de Damocles suspensa sobre sua cabeça ; era o medico de Sancho Pansa arrebatando-lhe as iguarias do podêr. Pois bem ; essa camara que era o pesadelo do governo, e lhe fez passar noites de insomnia foi previamente dissolvida, e o exercicio violento d'este direito, cujo abuso levou ao patibulo o infeliz Carlos I, este golpe d'estado desnecessario, e perigoso foi o cartel de desafio, que ministros tresloucados atiraram á face da nação. Seguiram-se os movimentos de S. Paulo, e Minas-Geraes, movimentos qualificados generosos em pleno senado pelo senhor conselheiro d'estado Hollanda Calvalcante (que sentio não ter tomado parte n'elles), mas que foram suffocados com

medidas de rigor ; prenderam, e deportaram senadores com flagrante violação da constituição do imperio, faltando-se até para com um d'elles, com os deveres da humanidade, e quando se esperava, que em defferencia á opinião publica pedissem no parlamento um bill de indemnidade, para esses actos de dictadura, fizeram garbo de haver escarnecido das prerogativas do senado, e obtiveram o appoio de uma camara tão docil, e submissa, como essa de Cromwell conhecida pelo nome de — rump — rabadilha.

Se por um lado o governo inundava o paiz com suas violencias, e havia tomado a carreira de Hippodamia na estrada do arbitrio, pelo outro o poder legislativo o secundava com a factura de leis proprias para incendiar as provincias; foi assim que vimos decretada a lei das reformas judicarias, vasta rede, onde foi colhida a opposição, maquina infernal

capaz de metter inveja ao proprio Fieschi, e cujos primeiros operarios comprehenderam ao pé da lettra o sentido, em que deviam fazer mover as suas molas. Essa chusma de esbirros derramados por toda a extensão do imperio, semelhantes á praga dos gafanhotos, que assaltou o Egypto, foi a quem coube a missão de massacrar a opposição, e estes potentados d'aldeia commeteram actos execraveis da mais requintada perseguição.

Seria longo o proseguir na enumeração de todas as violencias practicadas pelos saquaremas n'esta quadra de seu dominio, e basta dizer, que em quanto ostentavam este luxo de rigor contra os seus adversarios, a rebelião do Rio Grande lá ganhava gigantescas proporções, e ameaçava tragar uma provincia do imperio. No entanto essa revolta podia estar terminada, a não serem as perniciosas doutrinas da eschola material, que pre-

fere o emprego da força bruta para pacificar os animos escandecidos á dos meios moraes, em todo o tempo mais proficuos, porque não geram odios contra o poder, que os emprega. Não foi a espada de Mahomet, nem as fogueiras da inquisição quem arreigou as creanças religiosas no espirito da humanidade, mas os meios de brandura, a persuasão, que d'elles resultou, da excellencia das idéas que se queria propagar. O primeiro dos arbitrios é só proprio dos Torquemádas, e de todos os tyrannos, que fazem consistir a gloria no mais violento despotismo; e o seguudo pertence exclusivamente a todos os homens pensadores, e philosophos do seculo XIX. Mas os doutores da eschola saquarema, partidarios do primeiro arbitrio, querem tudo levar a ferro, e fogo, meios grosseiros, e indignos, que só servem de augmentar o martyrologio politico, como a perseguição aos christãos au-

gmentou o martyrologio religioso no tempo dos imperadores romanos.

Aqui suspendemos por agora o curso de nossas observações. A necessidade de não prolongar muito este artigo não nos permite entrar em maior desenvolvimento, e por isso nos fôrça a addiar para outra occasião a exposição das violencias da terceira epocha que é a infeliz actualidade, que pésa sôbre a nação. Como essas violencias tem redobrado mórmente depois da devastação de Pernambuco, reservamos para no seguinte artigo continuar na enumeração d'esses factos, e estabelecer o parallello entre os actos de ambos os partidos, e então mostraremos, que um (o saquarema) vive só de violencias, e arbitrariedades, e o outro (o liberal) da moderação, e meios pacificos de governar. É o que vai constituir o objecto deste artigo, que se segue.

II.

Ficou cabalmente demonstrado em nosso antecedente artigo, que as duas epochas do dominio saquarema foram calamitosas para o paiz pelas amiudadas violencias commettidas contra a opposição, releva agora demonstrar, que a terceira epocha d'esse dominio mais reaccionaria que as precedentes tem tomado tal character de atrocidade, que poucos exemplos haveriam na história comparaveis a ella, e que pela attitude, que vae assumindo deixará muito a quem os males, e horrores, que o autochráta da Russia fez despejar sobre a misera Polonia!

Não sabemos, que máo fado preside os destinos do paiz na organização, e demissão dos ministerios, que succedem-se com a rapidez do relampago. Nos paizes bem regulados, onde o systema representativo é uma realidade, e se lhe rende o devido preito, e homenagem, os ministerios se organisam, e se dissolvem em face das necessidades publicas, e quando a nação pelo órgão de seus representantes manifesta essas mesmas necessidades, dando, ou negando a sua adhesão á politica traçada pelos ministros; mas entre nos, em que tudo caminha de um modo irregular, e anomalo, e onde esse systema não passa de uma ficção, e só existe no mundo das idealidades, outros principios estão em voga, outro elemento decide sem appello da sorte dos ministerios, que muitas vezes se retiram no momento mesmo, em que as camaras lhes prestam o mais decidido apoio. Já fizemos

notar, que os saquaremas por um d'esses desvios das condições normaes do systema haviam subido ao podêr em 1841, e que successores dos venerandos Andradas só curaram de satisfazer os caprichos de seu orgulho offendido, commettendo actos da mais desenfreada prepotencia. Intrigas palacianas, movidas por cortezãos (trem indispensavel nas monarchias) haviam derribado o ministerio de julho, e com elle foi apeado do podêr todo o partido liberal; as intrigas palacianas derribaram os saquaremas, que de novo tornaram a subir por novas intrigas palacianas!

Não fomos só nós, que amamos de coração o systema representativo, que nos maravillamos da queda inesperada dos nossos correligionarios em 1848; os proprios saquaremas nunca lhe souberam dar uma sahida racional, e nos arroubos de sua alegria davam as mais contradictorias, e ridiculas explicações. Lembra-nos, que o

Brasil, seu órgão na imprensa, atarantado com as interpellações da opposição achou uma admiravel tangente para escapar-se das difficuldades, apontando para o §6.º do artigo 101 da constituição do estado, como se n'uma monarchia constitucional a doutrina d'esse paragrapho não devesse ser subordinada ás regras, que o systema representativo reconhece. Não é sómente a vontade da coroa, como inculcou o *Brasil* que se requer na organização dos gabinetes; é de mister, que essa augusta vontade se harmonise com as necessidades do paiz, ou fallando a linguagem constitucional, é preciso, que ella se subordine á vontade nacional, embora suas sympathias se inclinem para este ou aquelle lado. A rainha Victoria estava irrevogavelmente unida por esses laços ao partido whig; no entanto instigada pelas circumstancias pôz de lado essas sympathias, chamou ao paço o chefe dos torys, e de ac-

cordo com elle formou esse gabinete, que foi o ultimo de Sir Robert Peel.

Nos paizes constitucionaes, de que a Inglaterra é o prototipo, a coroa não tem partidos, porque inviolavel, como é, paira n'uma região muito a cima de todos elles; é o centro luminoso, para onde gravitam todas as opiniões; é o astro, que dardeja suas luzes sôbre todos os outros planetas. Sustentar o contrario é destruir a ficção legal da inviolabilidade; é fazer desaparecer a these de direito publico constitucional, fundada na responsabilidade dos ministros—o rei reina, e não governa.

Aquelles, que assim se exprimem, ou dão a entender éstas idéas por meio de reservas mentaes, como fez o *Brasil* para tapar a bocca aos seus adversarios, fazem um desserviço ao paiz, descobrem a coroa de uma maneira desleal em vez de encobri-la, e escudal-a contra os ataques, que devem ir certos bater em outro ponto. Não sere-

mos nós, que lhes seguiremos as pisadas, e antes faremos dos nossos peitos antemural para resguarda-la d'estes, e outros ataques, e é por isso que acreditâmos antes nos manejos dos resposteiros, e á sua influencia attribuimos a queda dos nossos amigos. Mas deixando de parte o modo irregular porque subiram os saquaremas, acceitando para esse fim a famosa theoria dos factos consumados—*faits accomplis*—de M. Odillon Barrot, examinemos o que tem elles feito no decurso d'este seu terceiro dominio, ou o govêrno, que é a sua immediata encarnação.

O primeiro acto condemnavel do ministério de 29 de setembro, e com que estreiou sua carreira governamental, foi o desrespeito, com que tractou a camara dos deputados, que o havia chamado á sua barra para interpela-lo á cêrca de sua politica. Ou fosse receio de ser levado de vencida na lucta, que ia travar com as illustrações oppo-

sicionistas, ornamentos da camara, ou calculado desdem de entrar com ella em relações, o ministerio não comparecendo no seu posto, commeteu um desacato sem exemplo, caso virgem na historia parlamentar do paiz. A camara assim vilipendiada, fulminou contra o ministerio o mais tremendo dos anathemas, fazendo lavrar em sua acta a mais estrondosa reprovação d'essa ominosa conducta ministerial. Este passo dada pela camara, necessario para desaffrontar sua degnidade ultrajada, e salvar a pureza dos estilos parlamentares, collocou o ministerio em verdadeiros apuros — ou dissolver a camara, que lhe havia estampado na fronte o ferrete da ignominia, ou retirar-se dos conselhos da coroa ; mas os homens do podèr, agarrados a elle, como a ostra ao seu rochedo, receando lançar mão da primeira medida, e não se querendo sujeitar aos consectarios da segunda, descobriram um meio termo entre os dous

extremos, e addiaram simplesmente o parlamento.

Esta farça mal representada, e que no entanto dava tempo a aplainarem-se as difficuldades, com que labutavam, serviu de demonstrar, que elles ainda senão julgavam seguros da situação, e queriam contemporisar com os acontecimentos, apoiando-se para esse fim na paradoxal doutrina da bulla das circunstancias Parece, que o Sr. visconde de Olinda (o surdo alcaide do castello da indolencia) havia communicado aos seus collegas esse character tibio, e irresoluto, de que tem dado provas nas mais solemnes occasiões, e que todo o gabinete pelo principio da solidariedade ministerial ressentio-se d'essa tibieza do então presidente do conselho; o caso é, que só depois de encerradas as camaras, foi que o govêrno restabeleceu-se dos calafrios, que lhe causava a tribuna parlamentar, onde era fustigado

sem misericórdia pelos oradores da opposição, e se julgou desassombrado para percorrer o longo teclado das reacções. Metteu pois mãos a obra n'este grandioso empenho: empenho de honra, como lhe chamaria o Sr. deputado Silveira da Motta, e o Brasil foi á véla na expressão do marquez de Pombal.

O raio das demissões, essa arma favorita dos governos reactores, já tinha perlustrado todo o paiz desde a margem do rio-gigante até o extremo opposto, e quase todos os empregados do quinquenio liberal haviam sido substituidos pelos *amigos da ordem*, que a bem d'ella, só por ella, e em nome d'ella, iam promovendo as desordens; fieis imitadores dos que adoravam a *Deoza Razão*, monstros criados pela vertigem anti-religiosa da primeira revolução franceza que em nome, e honra da *Deoza* commettiam actos da mais desatinada loucura! Tinha sido enviado para presidente de

Pernambuco um homem inqualificavel, joguete de todos os partidos, a quem o *Brazil* chamava por escarneo o *mansueto* Penna, e ésta *mansidão* em pessoa (phrase do mesmo *Brazil*) levava carta branca para espesinhar a Praia, brilhante fracção do partido liberal. De todos os grupos, que compunham a maioria da camara, foi a Praia, quem mais de perto bombardeou os reductos do govêrno, pelo que teve de incorrer nas suas iras, e o ultimo discurso brilhantemente proferido pelo nunca assás chorado Nunes Machado, em que pintava o quadro merencorio das publicas desgraças, e qual fatidica Cassandra parecia revelar os horrores, de que estava pre-nhe o futuro da nação, e o seu tragico fim, havia ficado impresso na memoria dos ministros—*manet alta mente repostum*. Demais a provincia de Pernambuco teve a ousadia de apresentar na lista triplice de duas consecutivas eleições para senadores

os nomes respeitaveis dos Srs. Chichorro, e Ernesto França, e este arrojo devia ser punido d'uma maneira exemplar, porque assim o exigia o senhor barão da Boa Vista, parte interessada nas eleições, e que tinha jurado por seu *presenteado espadão* sentar-se n'essa camara, objecto de todos os seus amores, esse castello inexpugnavel dos saquaremas, barreira invencivel contra toda a idéa de reformas, entrave politico para a felicidade do paiz, espantallo das liberdades publicas, simples chancellia da vontade do governo, e sobretudo cifra pezada no nosso ja valumoso budget.

O ministerio, que não queria desgostar aos seus amigos (no que lhe achamos razão) tomou nota em seu canhenho da alternativa pretensão do chefe dos guabirús, e o juramento por este dado devia cumprir-se, embora nadasse em sangue a briosa provincia de Pernambuco — *sic fata tulerunt*. O *mansueto* senhor Penna, que se havia

embuçado cautelosamente no manto da hypocrisia, illaqueando a boa fé da deputação Pernambucana, deixa cahir a mascara, com que estanhava a face, e começa a mais furiosa reacção, demittindo em massa empregados de policia, e revistindo d'essas funcções a homens saturados de horriveis notas, muito dos quaes se tinham inscripto no catalogo dos criminosos. Em quanto o senhor Penna fez trabalhar a maquina de sua secretaria em lavrar demissões, callou-se a Praia, porque estava elle no seu direito, ainda que exagerando a theoria da confiança; mas desde que foi procurar os substitutos na classe dos malfeitores, alarmou tudo que ha de honesto em Pernambuco, porque ninguem se podia reputar seguro com inimigos armados do poder, e começaram então esses pronunciamentos, que tomaram mais tarde o character de revolta.

Um governo honesto, conscio de seus

deveres, que quizesse conjurar a tempestade, que volteava sobre o paiz, devia ter *in continenti* demittido esse presidente que abuzava de sua posição, e se tornava odioso na provincia, enviando para substituil-o um varão sisudo, incapaz de transigir com os partidos, homem honesto, e moderado, que fosse ó iris da paz no meio da effervescencia geral; mas o ministerio altamente trahidor, preferindo a gloria de Erostató aos aguilhões da consciencia, ruminava na mente a conquista de Pernambuco, e com esse intuito ajuntou ao incendio o ultimo combustivel, nomeando o senhor Tosta, homem de paixões rancorosas, que executou fielmente o concertado plano da devastação da provincia, e extermínio da praia. Os revoltosos exasperados por tantas violencias, e duvidando da effi-
cacia das leis, verdadeiras lettras mortas, se lançam nas vias extremas, e vem dar-lhe combate na propria capital, e depois

de renhida lucta, em que operaram prodigios de valor, são a final vencidos, e retiraram-se da cidade, e então o senhor Tosta desenvolveu a mais frenetica actividade no que vulgarmente se chama caçada de homens, imitando os horrores, que praticou sobre Nantes o malvado Carrier agente de Robespierre nos dias de terror da revolução Franceza. Pede a humanidade, e a politica aconselha, que prendendo-se os chefes das revoltas, se poupem as massas, que desvairadas podem ser seduzidas pelo prestigio d'esses chefes; mas o amigo de Vicente de Paula ao mesmo tempo, que se correspondia com este bandido das mattas, e lhe dava o nome de amigo, negava quartel aos indefezos Pernambucanos, e a policia sanguinaria do senhor Figueira de Mello os perseguia por toda a parte, não escapando ao seu farejo o cadaver insepulto do martyr da liberdade, que foi sacrilegamente arrastado á presença d'esse ho-

mem sem coração, que lhe mandou fazer essa inaudita vestoria, que ficará registada na historia, como o auto de corpo de delicto da desmesurada protervia, com que se premuniam de provas para qualquer futura accusação de assassinato. Miseraveis! Que nem ao menos viram que o Brazil inteiro, convencido de que o illustre Pernambucano succumbira ao furor dos assassinos, a ninguem mais attribuirá esse acto de execranda recordação senão áquelles, que d'elle se aproveitaram.

E vós, victima illustre da mais feroz barbaridade, cahistes é verdade ao bacamar-te dos sicarios, mas vossas idéas não morreram, e tem de ser transmittidas, como precioso legado, de geração em geração até constituirem-se leis, que felicitem esta patria, que foi os vossos primeiros amores, e que occupando o sonho dourado de vossa existencia, foi tambem os vossos ultimos amores!

Quem quizer fazer uma idéa ajustada das atrocidades commettidas em Pernambuco não só antes como depois da rebelião, leia a *apreciação da revolta praieira*, escripta pelo talentoso Sr. Urbano, e d'ahi verá que toda a narração, que temos feito dos acontecimentos d'aquella provincia, é a exacta expressão da verdade, e que ainda assim não apresentâmos revestidos de toda a sua fealdade os factos praticados pelo poder, e seus agentes. Se o Sr. d'Arincourt dizia na celebre brochura — *Logar para o direito* — que em materia de construcções politicas, quando o architecto é a revolta, as ruinas são os monumentos, o que diremos nós que sejam os moumentos, quando o architecto é o despotismo? Por sem duvida, que a desolação, e a morte. Foi o que realisou-se em Pernambuco. A carnificina feita n'essa porção de desgraçados brasileiros considerados fóra da lei, excede a tudo quanto o espirito humano póde conceber de hor-

rivel, foi um verdadeiro S. Bartholomeu de liberaes, cujo sangue derramado ainda não pôde saciar a sêde de vingança dos salteadores sociaes, que tem o poder nas mãos.

As innumeradas prisões, que tiveram logar em consequencia da revolta, os julgamentos monstruosos por tribunaes incompetentes, como esse do Recife, que condemnou as victimas illustres, que gemem em Fernando de Noronha, as cabeças postas a premio, invenção sublime para armar o braço dos assassinos pela vil paga do ouro (o que não esperavamos d'um conselheiro de estado), são outras tantas violencias, que se perpetram a sangue frio, e provam de uma maneira irreplicavel, que o govêrno marcha sem estorvo no terreno das racções!

Entretanto na camara dos deputados, e no senado se endeosaram éstas arbitrariedades, poseram nas nuvens os presidentes, que desrespeitaram todos os direitos, e prodigalisaram ás mãos cheias encomi-

os pomposos a esses homens, que bem mereciam uma severa punição, se a acção das leis não ficasse enervada diante dos caprichos do govêrno. Um senador houve que esquecido de sua posição, e do que em pleno parlamento havia dicto sobre os movimentos de 1342, elogiou os algozes de seus patricios, e até chegou a avançar que em lugar d'elles faria o mesmo ! E foi o senhor Hollanda Cavalcante quem veio proferir na tribuna éstas palavras, perfeito contraste dos sentimentos de um verdadeiro Pernambucano ! Quando o cardeal Mazarini prostrava-se diante de Cromwell, e o proclamava o maior homem da epocha, dizia-se, que só a mais vil adulação, a lisonja mais abjecta podiam arrancar do ministro de Anna d'Austria tão rasteiro proceder. Quem ouvisse a esse nobre senador tecer a apologia do govêrno o mais reactor, que o paiz tem visto, a propria encarnação de Satanaz,

e pôr nas grimpas esses actos da mais escandalosa tyramnia, não lhe poderia applicar com toda a justiça as palavras ditas contra o cardeal-ministro? Não nos é licito advinhar o que poderia ter-se no pensamento ao ouvir-se tão extranhas proposições, mas não podemos deixar de observar, que muito podem em certos homens os attractivos de um fardão de conselheiro d'estado! Razão tinha pois o poeta Mantuano, quando no livro 3.º de sua Eneida exclamava— *quid non mortalia pectora cogis, auri sacra fames!*

Na revista, a que procedemos, necessaria para estabelecer o parallelo entre o proceder dos dous partidos, passaremos por alto muitos factos caracteristicos da quadra, sôbre que escrevemos, para commemorar uma infamia só digna, de quem a promoveu. Alguns grupos armados, reliquias da revolta, tinham-se retrahido ás matas, e ali se fizeram fortes apezar

da pouquidade de seu numero, e chegaram a arrostar as forças do governo, que queria extermina-los, desejando, como Calligula, que todos tivessem uma só cabeça para cortal-a de um só golpe. Empregou-se contra esses grupos o meio das armas, que foi inefficaz para chama-lo á ordem, e não tendo ninguem acudido ao convite das cabeças a premio, recorreu-se a outro expediente tão indigno, como o detentar o braço do assassino por meio da cobiça, que era armar-se um laço aos chefes mais prestigiosos d'esses grupos, como Pedro Ivo, e Miguel Affonso, e fazel-os cahir na cilada.

O senhor Francisco Gonsalves Martins, presidente da Bahia, e o senhor Dr. José Bento da Cunha Figueredo, das Alagoas, foram os plenipotenciarios, que com exclusão do de Pernambuco, que bem desejava ter parte na *tramoia*, entraram em secretas conferencias com os supracitados chefes, servindo-se para esse fim de um

pobre velho, a quem incumbiram a missão de arrancar o filho do centro das mattas, engodando-o com a promessa d'uma amnistia geral para todos os compromettidos. O *credulo* emissario põe-se a caminho, e por meio da persuasão consegue, que o *tãobem credulo* filho largue as armas, e venha com outro companheiro entregar-se aos seus inimigos, qual inoffensivo coedeiro as garras do faminto lobo! Mal sabia esse velho, que se abusava ignobilmente do que ha de mais sagrado no homem— seus affectos paternaes—, e o tornavam instrumento da mais abominavel das perfidias!!

Os dous illudidos chefes, confiados nas palavras officiaes de duas altas cathegorias, e em companhia de uma d'ellas vem apresentar-se no Rio de Janeiro, seguros quanto a sua sorte, e a dos seus companheiros, a quem a promettida amnistia punha ao abrigo das perseguições judi-

ciaes. Mas ao chegar a côrte, começam a descerrar os olhos a luz da evidencia, conhecendo muito tarde, que foram victimas da mais infame trahição. O governo, querendo porém apparentar esta cobardia, lhes offerece amnistia condicional, que elles não accitam, porque seria o maior desdouro, que os conquinaria aos olhos de seus concidadãos, e são em consequencia entregues a acção dos tribunaes, indo expiar a sua boa fé nos calabouços de Santa Cruz! Espantoso exemplo para todos aquelles, que se quizerem confiar nas promessas de um governo reactor!!

No entanto esta infamia não podia passar desaperccebida n'um paiz, que ainda se diz constitucional, e a opposição na camara dos deputados, cheia de dignidade, e penetrada da santidade de sua missão interpellou ao governo pelo orgão do senhor Mello Franco acerca de facto tão vergonhoso, e inaudito. O ministerio acossa-

do negou tal promessa de amnistia, e o senhor Gonsalves Martins chamado a tribuna para explicar a sua conducta, cobrio-se de ignominia, e patenteou a todas as luzes sua falta de lealdade, e cavalheirismo, resultando d'este debate, em que naufragou para sempre a honra, e moralidade d'este governo, a triste convicção, de que é elle o primeiro entre todos os trahidores. Quando em França se escrevia em referencia a Luiz Fellipe, que o rei era o primeiro criminoso, e complices todos os seus ministros, nos maravillamos, que linguagem tão virulenta fosse applicada aos altos poderes do estado; mal pensavamos nós, que essas mesmas palavras podiam ser applicaveis com justiça entre nós, não ao chefe da nação, inviolavel, e sagrado, mas aos seus ministros, os verdadeiros criminosos, de quem são complices todos os seus agentes.

E aqui paramos—que longo vae este

artigo, e muito nos resta a dizer. E' tão fertil em atrocidades, e infamias este terceiro dominio dos saquaremas, que impossivel é commemora-las de um sò jacto, sem que vão de atropelia todas as suas circumstancias, o que não nos convem practicar, e nem o faremos no decurso d'êsta exposição. No seguinte artigo tractaremos de abreviar nossas reflexões, e então mostraremos a distancia, que vae entre liberaes, e saquaremas, ou a differença entre nós e elles.

III,

Os descendentes d'aquelles, que resistiram ao rei para melhor servirem ao rei, saberão resistir aos ministros para melhor servirem ao imperador.

Esta maxima proferida na tribuna do senado pelo senhor visconde de Olinda, foi tomada á risca pelos Pernambucanos, cuja paciencia se havia esgotado na taça dos desenganos, e produzio a revolta, de que temos fallado em nosso artigo antecedente, cujas consequencias foram a aniquilação da Praia, e terrorismo diffundido por todos os angulos do imperio; revolta, que foi assim qualificada pelos *revoltosos* do poder, mas que em honra dos principios diremos, que

não foi mais do que a resistencia legal feita aos desvarios dos ministros, direito, que nossas leis consagram, e que não ha legislação alguma de povo civilisado, que o não permitta, como recurso indeclinavel contra os actos da tyrannia.

Em tempo de eleições suspendem-se as garantias da probidade, é outra maxima de outro illustre personagem, e que foi seguida á risca pelo governo, e seus agentes, e produzio as monstruosas eleições de 1849, impondo ao paiz a actual camara dos deputados, fructo da fraude, da violencia, e de toda a sorte de torpesas na phrase severa do senhor senador Vergueiro, que a não reconheceu como legal.

Suffocada a chamada revolta de Pernambuco, não tendo o governo mais resistencias a quebrar, e nada a temer de seus adversarios, galopou impavido na estrada das reacções, e esses homens *perdidos*, que compõem o ministerio, libertados

de todas as peias, que podiam entorpecer sua marcha, nada pouparam para tãobem perderem este pobre Brazil.

A camara, cuja maioria symbolisava as necessidades da nação, foi dissolvida de uma maneira violenta, e descommunal, como fôra a de 1842, ésta por não se ter ainda installado, e aquella, porque então não funcionava, e outra foi convocada para o primeiro de janeiro de 1850. Era um apello dirigido a nação, que consultada devia exprimir por um voto consciencioso qual das duas politicas mais lhe convinha — se a que era preconisada pelo governo, e seus amigos, ou se a symbolisada pela maioria da camara dissolvida. A lucta pois era de vida, e morte para os dous partidos, e o governo, comprehendendo as consequencias de uma derrota, que seria infallivel a não serem os meios ignobeis, que foram postos em practica, invidou todas as suas forças para assenhorear-se da

urna eleitoral, e em toda a parte preparou-se para entrar em acção n'esta perigosa campanha.

Que um governo procure dar triumpho ás suas idéas, limitando-se aos meios pacíficos da persuasão, e appoiando-se na influencia dos seus amigos, é o que não condemnamos, e até o cremos necessario, porque tendo elle principios seus, com que julga poder felicitar o paiz, contrahe para com este o imperioso dever de realisar esses mesmos principios, convertel-os em leis, ou medidas a bem do mesmo paiz, o que só pode fazer tendo uma maioria sua, que se encarne em seu pensamento, e o sustente decididamente. N'este caso obra elle, não como força, mas como opinião, e as opiniões devem ser expressadas pela urna eleitoral, e legalmente representadas no seio do parlamento. Mas que o governo, sahindo fóra d'estas lindes naturaes, lance mão do apparatus do poder, e

desenvolva todo o luxo da força material para aterrar os seus contrarios, e coagil-os no voto, que tem de dar, ou então faser, com que elles se abstenham de usar de um direito sagrado, qual o exercicio da soberania popular, é o que reputamos um mal, um verdadeiro attentado, que torna gravemente a marcha dos negocios publicos, e adultéra a indole do systema representativo, tornando-o n'um apparente simulachro, n'uma verdadeira mentira. Os saquaremas em todas as epochas do seu dominio se tem distinguido nos meios, que empregam para abastardar o resultado do suffragio eleitoral; são insignes n'esta especie de saturnaes, em que esquecidos ficam todos os principios de pudor, e decóro publico; mas as violencias sem numero, e as atrocidades commettidas nas eleições de 1849, em que a opposição foi repellida da urna a ponta de baionetas, o cynismo, com que se houveram em

toda parte, forma uma negra pagina da chronica escandalosa d'esse partido.

Em verdade mencionar uma á uma todas as circumstancias, que acompanháram ésta vasta conquista do poder, (enredada comedia, que ao levantar do panno se podia converter em tragedia) seria um trabalho fastidioso por demasiado longo, e excederia os curtos lemites de um artigo politico, além de roubar-nos um tempo precioso; basta dizer que o govêrno, contando com as difficuldades, com que se viria a braços no caso de ser-lhe disputada a eleição, tomou medidas preventivas para só ficar em campo, e arredar da arena tão perigosos contendores e enviou destacamentos para os diversos pontos, em que o perigo seria mais real e eminente. As provincias de S. Paulo, e Minas Geraes, onde a opposição contou sempre immensas sympathias, e constitue evidentemente a maioria da população, mereceram do governo

ésta *sollicitude paternal*, de que é elle capaz, e sabe desenvolver, quando se tracta de objectos, que podem tocar-lhe de perto, e affectar sua existencia politica. Dous presidentes talhados á guisa do Sr. Fernandes Chaves, que tanto deu no goto do Sr. Paulino em 1841, foram postos d'atlaia á opposição, para neutralisar-lhe os passos, e receberam a fatal incumbencia de triumphar *á todo o custo*, o que cumpriram religiosamente, pondo em scena todos os recursos da malvadeza em delirio.

O Sr. Pires da Motta n'ésta provincia tocou ao sublime, (se nos é licito assim significar o requinte de violencias, que seus agentes empregaram para levar de vencida os adversarios do poder), e soffregou velejou á todo o panno no oceano dos arbitrios. Os meios mais torpes, e reprovados, a corrupção posta em jogo, as seducções de todo o genero, e as ameaças

aos espiritos fracos, tudo foi invocado, como poderoso auxiliar do governo ; e quando estes grandes meios de acção falharam, porque o nosso povo ainda não está tão corrompido, como se suppõem, la veio o ultimo argumento, diante do qual emudecem todas as considerações — as baionetas mercenarias ! Nas vespervas da eleição só se viam os aprestos militares, que se destinavam ás proezas do dia seguinte, até que esse dia raiou, infausto para todo o Brazil, porque n'elle se consumou o mais execrando dos attentados contra os direitos de um povo livre ! As igrejas foram cercadas, e muitos juizes de paz, vendo esta tropelia de tudo que ha de mais sagrado, protestaram energicos contra a presença da força armada no recinto da eleição, como contraria ás disposições da lei, e se declararam coactos no exercicio de suas funcções. A opposição querendo evitar serios conflictos, que podiam acarre-

tar tristissimas consequencias, abandonou o campo em muitas freguezias, e o govêrno senhor de todos esses reductos, impoz como conquistador o nome dos seus amigos !

Verdade é que em alguns pontos o partido liberal corajoso pleiteou a sua causa, e obteve brilhantes resultados; mas estes triumphos parciaes em nada podiam influir no final da eleição em todo o imperio, porque o govêrno uniformisando o seu plano de ataque em todas as provincias, conseguiu assenhorear-se da eleição, e obteve por via d'ella uma camara toda governista com excepção de um unico voto, o do respeitavel senhor Souza Franco. Cumpre notar, que ésta illustração parlamentar teve entrada na camara, porque o Sr. Coelho, presidente do Grão-Pará, desviando-se da linha de conducta seguida pelos outros presidentes, não se quiz envolver nas eleições, e as deixou correr á

revelia do govêrno, que, tendo apénas um fraco appoio no chefe de policia da provincia, não pôde excluir do parlamento o nosso distincto correligionario. Foi assim que em França depois das eleições de 1815 o partido patriota se não pôde fazer representar senão por 2 votos, Mr. de Flaugergues, e Mr. Voyer d'Argenson; e Capefigue observa, que depois do triumpho absoluto de uma causa, a fracção vencida não tem representação alguma; foi o que justamente verificou-se duas vezes entre nós — a primeira nas eleições que se seguiram aos desastres de 1842 — e a segunda depois da derrota dos Pernambucanos.

Só o facto da existencia de uma camara unanime, phenomeno nunca visto na historia parlamentar dos paizes constitucionaes, é a mais formal accusação, que tem contra si o govêrno, de haver influido directamente nas eleições — e este escandalo sem exemplo, pondo em sua dependen-

cia a filha bastarda das urnas, converte a camara n'uma verdadeira phantasmagoria de representação nacional. Roberto de Walpole, engenhoso nos meios de corromper maiorias, dizia ter nas mãos a tarifa da consciencia dos membros do parlamento, —e o actual ministerio pode imitar este dicto em face da sua maioria, que, feitura sua, e tendo sahido armada de sua cabeça, como Pallas do cerebro de Jupiter, jamais resistirá aos seus desejos por ignobeis que sejam. Póde o governo proclamar o absolutismo, derribar a constituição do estado, esse sacrosanto palladio de nossas liberdades publicas, e declarar no Brazil uma autocracia igual a do Czar da Russia, que a camara dos deputados será a primeira em lhe votar agradecimentos, entoando hymnos de louvor, e se isto não for bastante, lá está a *camara alta dos nossos improvisados lords*, que deligente correrá a por a ultima pedra nesse grandioso edificio!

Para encurtar este nosso artigo accrescentaremos ao quadro, que desenhámos, poucas palavras mais sobre a nefanda actualidade. Em quanto o governo persegue inhumanamente aos seus adversarios, repetindo-lhes a cruenta maxima de Mahomet—pensa como eu, ou morre— e duplica seus golpes contra a opposição constitucional, a dignidade nacional soffre, e é vilipendiada pelos cruseiros inglezes, que não respeitando os direitos de uma nação amiga, vem revistar em nossos portos as embarcações, que d'elles sahem para verificar, se effectivamente se empregam n'esse trafico amaldiçoado de carne humana, que o governo não sabe, não pode, ou não quer reprimir, em attenção aos africanistas, que lhe serviram de escada para subir ao poder. Seu arrojo é tamanho, estão elles tão convencidos da imbecilidade d'este governo, que apresam, e incendiam navios a vista mesmo de nossas fortalezas,

que nem um signal dão de vida, e sem ao menos alinhavarem uma desculpa de semelhantes attentados offensivos de nossa soberania, vão marchando invariavelmente em seu caminho, rindo-se a socapa do Brazil e dos Brasileiros ! E o governo poderoso para cahir sobre seus concidadãos com todo o apparatus das baionettas, impotente cruza os braços, e deixa correr a revelia esses insultos á dignidade nacional ! Onde está pois essa energia de acção, de que tanto blasonam os saquaremas ? Ah ! Que arrostar a marinha britannica não é por certo exterminar os indefezos Pernambucanos !

■ E o que dizer-se sobre os negocios de Buenos-Ayres ? Se a humiliação do governo diante dos Inglezes merece todo o rigor da censura, a maneira, porque se ha comportado a respeito de Rosas, toca o cumulo da infamia ! Esse régulo altivo, e insolente não cessa de vomitar contra nós

as mais asquerozas injurias; na sua honrada salla suas creaturas lançam as mãos cheias os maiores improperios contra a nossa dignidade, e entre *vivas e morras*, que homens desenfreados vociferam pelas ruas, é monoscabada a nossa honra diante mesmo do consul brasileiro, que em taes conjunturas se comporta digna, e corajosamente, e o governo, que deu azo a todos estes clamores, approvando tacitamente a inqualificavel conduta do barão de Jacuhy em suas correrias no estado vizinho, faz ouvidos de mercador, e não acha no vocabulario de sua diplomacia palavras significativas, que repillam semelhantes insultos!!

De que servem pois esses preparativos bellicos, essas phalanges estrangeiras, que ignominiosamente se manda engajar, se nem ao menos tem a virtude de assustar aó governicho de Buenos-Ayres, que zomba de taes aprestos, certo de que tudo

ficará em meras demonstrações?..... Oh infamia das infamias! E preside aos destinos do estado um governo d'estes, que não sabe defender a honra do paiz e sua dignidade atassalhada por essa gentalha, vil escrava dos acênos de um despota?!... Violencias inauditas no interior, e toda a casta de attentados contra os seus concidadãos; e no exterior humiliação, e cobardia para com o insolente estrangeiro, que ouza cuspir em nossas faces o escarro do desprezo, eis a lenda d'este governo, que rojando de infamia em infamia não tem semelhante sobre a terra, e só igual a si mesmo!

Senhores do ministerio, não é por esta fórma, que se defendem os grandes interesses de um povo injustamente ludibriado; se não tendes a precisa corajem para repellir tão repetidos insultos, fazei ao menos um ultimo esforço a bem do paiz, que empurraes ao abysmo; abando-

nai o leme da náó do estado, que vossa reconhecida imbecilidade vae levando sobre perigosos cachopos; alguém haverá no Brazil, que dextro Palinuro saiba gui-a-la a travez das tormentas ao porto da salvação.

E é aqui occasião propria para repellir uma calumnia, que a má fé, e os odios políticos tem inventado para desacreditar a opposição, e perdel-a na opinião do paiz, cavallo de batalha, de que se servem os seus detractores, e que contra elles deve com toda a justiça reverter. Tem sido o partido liberal constantemente accusado quer na tribuna, quer na imprensa de ser revolucionario, de pegar em armas para perturbar o socego do imperio todas as vezes, que se acha fóra do poder, de ser verdadeiramente um partido anarchista, e conspirador. Para quem não vê as cousas pelo prisma de rancorosas paixões, não ha mais injusta accusação do que ésta que a-

cabamos de apontar. Aquelles, que assim s'exprimem, deviam primeiro esquadri-nhar as causas, que dão motivo a esse pro-ceder, para depois accusar com justiça a um partido, cujas idéas, achando-se a par das necessidades do paiz, caminham inva-riavelmente para as grandes reformas exi-gidas pelas luses do seculo actual. E que-reis saber quaes as razões, porque o par-tido liberal se agita quando descido do po-der? É porque o nome de cada mimistro saquarema significa uma ameaça contra as instituições do paiz, ou antes representa um attentado contra tudo que ha de res-peitavel, e sagrado entre os Brasileiros. É o Sr. visconde de Mont'Alegre, antigo Costa Carvalho, para quem a liberdade ja foi bigorna, que destruia todos os martel-los, dando golpes profundos nas publicas liberdades; é o balofo Sr. Eusebio, agri-lhoando a magistratura ao carro do poder, e desenvolvendo o mais escandaloso nepo-

tismo na distribuição dos empregos; é o enfatuado Sr. Rodrigues Torres atacando as provincias com medidas assassinas de seus mais vitaes interesses; é o jesuita Sr. Paulino, levando de rastos a dignidade nacional aos pés do insolente bretão, e recuando espavorido ante as roncas do dictador de Buenos-Ayres; são os Srs. Manoel Felisardo e Tosta, frenetico este, e aquelle aparvalhado, vilipendiando ambos o nosso exercito, e marinha, reduzindo á simples manivella do governo esses poderosos auxiliares da nação.

Quereis mais incentivos d'essas revoltas? É porque o nome de um presidente de provincia corresponde a uma violencia, ou uma torpesa contra os adversarios de sua administração. É o mansueto Sr. Penna dando demissões em massa em toda a extensão de Pernambuco (a mais violenta reacção;) é o frenetico Sr. Tosta apertando a mão do salteador das mattas do Jacuhipé,

seu prestante alliado, e amigo (a degradação da authoridade); é o orgulhoso Sr. Honorio, esquecido que é Carneiro, e lembrado ser Leão pondo cabeças a premio(o canibalismo revoltante); são os Srs. Gonsalves Martins e Cunha Figueiredo, ambos refalsados—*arcades ambo*— armando ciladas aos chefes da revolta pernambucana (a fé punica levada a extremo) é o *ardido* Sr. Pimenta Bueno, resolutoprendendo jornalistas, classificando e sommando crimes *ex propria auctoritate* (o mais descarado despotismo); é o ambicioso Sr. Pires da Motta esbanjando os dinheiros publicos, e recrutando indistinctamente nas classes privilegiadas (a prepotencia em seu auge); é o omnipotente Sr. Sousa Ramos, são todos os outros quejandos presidentes da nefanda actualidade praticando os maiores desatinos contra os direitos dos cidadãos (o plano geral da conflagração do paiz).

Eis porque as revoltas apparecem, quando está de cima esse partido; eis porque o imperio se agita convulsivamente de norte a sul, e parece ser alluido em seus proprios fundamentos! Tal é o terror, que o nome dos saquaremas incute nos espiritos, que sò elle é capaz de produzir uma revolução! Ou ser esmagado pela prepotencia ministerial, ou lançar mão das armas para repellir a fôrça bruta—eis a dura alternativa, a que se vê reduzido o Brasil todas as vezes, que esses homens se apoderam do poder!

Quando Attila á frente dos Hunos devastava a Italia, marchando sôbre cadaveres para a conquista de Roma depois de haver saqueado o imperio Bysantino, foi chamado por suas crueldades o *flagello de Deos*; o actual govêrno á frente de seus agentes, caminhando entre a carnificina de Pernambuco, para a conquista do paiz em beneficio do seu dominio, merece ser cha-

mado o *flagello dos povos*. É verdade, que entre um, e outro flagello se mette de per-meio o espaço de 14 seculos; mas o actual ministerio, verdadeiro anachronismo, devia por seus instinctos sanguinarios ter existido n'essa epocha de barbarismo, em que desempenharia á character o papel horrivel de devastador e incendiario.

Quem são pois os conspiradores? Quem os revolucionarios? A habil penna que escreve no *Ypiranga* sob a inicial—*D*— respondeu a estas questões de um modo irreplicavel no numero 93 do mesmo jornal. N'esse artigo, a que nos reportamos, notavel pela logica cerrada de sua argumentação, onde o talento superlativo de seu autor brilha á par da decencia do estylo, e belleza da locução, ficou demonstrado até a evidencia serem os saquaremas os verdadeiros revolucionarios, elles, que tem mortalmente ferido a constituição do estado, sem se lembrarem,

que a constituição ferida é a toga ensanguentada de Cesar, que se mostra ao povo! Elles pois, e só elles são os responsaveis por todas essas revoltas, que tem ensanguentado o paiz, e que não existirião a não serem os desregramentos de sua politica estragada, e os actos inqualificaveis da mais accintosa provocação. — A verdadeira anarchia, diz um escriptor hespanhol (Ayguals de Izco) é filha do máo governo. Na arbitrariedade, nas violencias, no feroz despotismo dos primeiros encarregados da sagrada custodia das leis, alli, alli, e só alli, é onde se deve buscar a origem da anarchia — Esta opinião sensata, e insuspeita é inteiramente applicavel á situação, e nós a reproduzimos em reforço de nossas asserções, e para que se conheça, que em outros paizes tambem ha escriptores, que pugnam pelos foros da liberdade.

Não fallamos aqui muito de proposito

em varios outros actos, e medidas, que tem partido d'esta actualidade, sellados todos com o cunho da violencia, como sejam a lei sobre terras, que poma da discordia vae agitar o Brazil inteiro; o engajamento de forças estrangeiras para batalhar nossas batalhas, o maior insulto aos brios de nossos valentes militares, e ao espirito de nacionalidade; a lei da guarda nacional, que por assim dizer militarisa todo o Imperio; o celebre decreto, que estabellece regras sobre as nomeações, remoções, e vencimentos dos juizes de direito, que ficam agrilhoados ao bello prazer dos ministros, que terão o cuidado de brindar aos seus amigos com as commarcas da terceira entrada, deixando os seus adversarios nos da primeira, o que tudo quer dizer em linguagem mais expressiva, que mandarão aos bemaventurados da epocha actual para o céu, deixando os reprobos no inferno, e indo os indifferentes para o purgatorio,

isto é para as comarcas de segunda entrada até se purificarem das manchas do indifferentismo, e assim poderem gozar da *visão beatifica*. Cada uma d'estas materias offerece largo assumpto, e exige ser tratada mais de espaço em artigos especiaes, e por isso nos limitamos ao que fica exposto, que é de sobejo para demonstrar as tendencias *destruidoras* dos actuaes *conservadores*, e em seguida passamos a recapitular os principaes actos do partido liberal durante o seu dominio no paiz.

Bem risonha era por sem d'úvida a epocha, que se seguiu á queda do segundo regente do acto adicional. O facto estrondoso da maioridade, que tinha suscitado os mais calorosos debates na camara temporaria, e logo depois essa memoravel sessão do senado na noite de 22 de julho, havia-se realisado de uma maneira solemne em despeito de toda a sorte de entraves, que lhe suggeriam os saquaremas, tendo á

testa o seu principal chefe o já finado senador Vasconcellos, que dotado de assombroso talento, e parlamentar consumado, reduplicava a sua influencia, tomando a pasta do imperio no ultimo gabinete, com o intuito de embarçar a passagem d'essa medida reputada salvadora additando as camaras, que se vio forçado a convocar immediatamente. O novo reinado começava cheio de vida, e esperanças, e o Brazil liberto do governo ephemero, e sem prestigio das regencias, e escapo dos males inevitaveis de uma longa minoridade, saudava com transportes a nova ordem de cousas, que lhe presagiava dias de ventura. O gabinete de julho, composto das principaes capacidades da minoria parlamentar, possuido das melhores intenções, placido percorria a estrada dos melhoramentos nos diversos ramos da administração publica.

A' provincia de S. Paulo coube em

partilha um presidente, filho seu que amando a terra, que o vio nascer, procurou desenvolver o seu engrandecimento material, e moral, não poupando até para esse fim sacrificios pessoais. O Sr. R. Tobias d'Aguiar digno delegado do gabinete de julho soube comportar-se por tal fórma n'esse logar de honra, a que foi elevado por suas virtudes civicas, e serviços prestados ao throno na sua primeira presidencia, que mereceu em seu favor numerosas representações, pedindo a sua conservação no posto, que occupava, e com quanto desattendida fosse a supplica da provincia por um gabinete, que então começava a reagir contra a opinião publica, esse illustre cidadão deixou saudades de sua administração, e a provincia ainda se recorda, que em seu tempo gozou da mais florescente felicidade. As outras provincias tiveram tãobem sabios administradores, que comprehenderam as ne-

cessidades da situação, e as fizeram prosperar de uma maneira sensível.

Verdade é, que se fizeram mudanças no pessoal da administração, e que empregados da primeira ordem receberam demissões, mas subindo ao poder um pensamento novo, como o que presidio á maioridade, era de mister collocar em todos os pontos da machina governativa os que sustentavam esse pensamento para assim poder dar-lhe um movimento uniforme e concentrico.

Nunca gabinete algum exerceu com mais moderação a theoria da confiança, moderação, que seus adversarios capitularam de fraqueza, pois que muitos d'elles foram conservados em seus empregos, de que se valeram para mover cruenta guerra aos seus generosos adversarios. Citaremos um facto em abono d'esta asserção. O Sr. Carneiro de Campos, empregado no thesouro, e por consequencia subalter-

no do ministro da fazenda disse afoutamente na camara dos deputados, que não tinha confiança alguma no seu chefe e esta declaração inopinada, que em deferencia á sua posição não devia ser feita por um deputado empregado publico, tornou necessaria a sua demissão, e o governo, que o havia conservado em despeito de seu antagonismo de crenças, foi forçado a esse passo, que alias não daria a não ser a inconveniencia da conducta do empregado, a que nos referimos.

Foi porem tão curto este periodo, que o Brazil poucos fructos podia colher de politica tão esclarecida, como essa, que regeu o paiz até á quéda do partido liberal, e sem embargo d'esta rapidez, e instantaneidade de cousas um balsamo salutar tinha sido applicado ás feridas da patria, que até então sangravam de morte, e se o ministerio da maioridade fosse mais duradouro, é de crer, que o Bra-

zill guiado pelos homens, que haviam feito a sua independencia, visse realisadas todas as suas esperanças. Mas os decretos immutaveis da Providencia al haviam determinado; e os liberaes, que deviam passar ainda por duras provanças afim de melhor aprenderem a governar na eschola da adversidade, cahiram sem poderem fazer á sua patria todos os bens, a que ella tinha direito; e os seus adversarios apoderando-se das redeas do governo fiseram voltar o reinado dos abusos, e violencias, chamando em seu appoio os vicios do passado, elles, que se dizem da reorganisação, e do futuro!

O partido liberal, que tão generosamente havia poupado aos seus adversarios, quando no poder, chegando até a sonhar com a conciliação dos partidos (verdadeira utopia em nossa opinião), foi proscripto, e quase exterminado em consequencia do movimento armado, que per-

correu as duas provincias de S. Paulo, e Minas Geraes; seus mais distinctos membros foragiram-se nas mattas; alguns tiveram de expatriar-se, alem do grande numero, que foi sentar-se no tamborete de reos; e ainda assim viram seus bens confiscados por um firman do ministro da fazenda(visconde de Abrantes) que sem respeito ao sagrado direito de propriedade, garantido pela constituição do estado, quiz por um acto insolito do mais violento despotismo reduzi-los todos á mendicidade, entregando-os aos horrores da miseria! Este acto incrivel de extorsão devia ser severamente punido, se o nosso systema de governo não estivesse de todo falseado, e a lei da responsabilidade dos ministros não fosse letra morta, verdadeira inutilidade na collecção de nossas leis.

No entanto no meio de tamanhos reverses, brilhantes triumphos aguardavam a

oposição, pois que os debates, que se abriram no jury por occasião dos julgamentos politicos, pondo patentes as grandes causas, que motivaram a apparição d'esse movimento, e a monstruosidade dos processos instaurados por amor d'elle, orientaram por tal forma o espirito publico, que a parte mais sensata da nação veio com enthusiasmo esposar a sorte dos vencidos, e os verdicts, que se lhes seguiram, dignos de um paiz, que preza sobre tudo a liberdade, foram verdadeiras ovações para a opposição, e completa derrota para o governo. O Brasil pois chamado a julgar santificou a denominada revolta pela absolvição de todos os implicados: e os liberaes sabindo das masmorras, em que foram encarcerados pela mais sancta das causas, se viram rodeados do prestigio da opinião, que os elevou de novo ao poder, quando os seus contrarios cahiram inani-dos, e desacreditados, depois de haverem

esgotado infructiferamente para o extermínio da liberdade todos os recursos da tyramnia.

Em verdade, os primeiros actos do gabinete de 2 de fevereiro de 1844, cuja organização não se ressentio da influencia saquarema revelaram, que uma politica mais em harmonia com as necessidades sociaes ia governar o imperio, e que as perseguições, apanagio do precedente dominio tinham de cessar diante do reinado pacifico da justiça, e das leis. O ministério compenetrado da gravidade da situação, e reconhecendo, que as revoltas no paiz provinham de um concurso de circumstancias, que datavam muito de longe, e de *causas acumuladas*— que não simples vontade dos homens — propoz, e conseguiu da coroa uma honrosa amnistia para todos os compromettidos, que por esse acto magnanimo foram restituídos a si, e ao estado.

E nem parou aqui a missão reparadora

do gabinete, pois que fiel á linha de conducta, que se havia imposto, de acabar com o pernicioso systema de considerar o paiz dividido entre vencedores, e vencidos, foi pouco a pouco chamando os liberaes ao gozo dos direitos, de que tinham sido privados por esse horrivel ostracismo, que os banira inteiramente dos empregos da nação. A reabilitação pois do partido liberal operou-se completa, e em virtude d'ella preparou-se elle para a lucta eleitoral, que se ia travar no imperio pela dissolução da camara, que então funcionava, ostentando-se na estacada forte pelo martyrio, que tinha soffrido, forte pela santidade de seus principios, e pureza de suas vistas politicas.

● E já que fallamos n'esta camara, aproveitaremos a oportunidade para aventurar algumas observações relativas aos motivos de sua dissolução. Concebemos facilmente, que uma camara possa achar-se em

completo antagonismo com o governo, quando suas vistas se desencontram sobre o modo de dirigir os destinos do paiz; é phenomeno, que se dá ordinariamente nos paizes constitucionaes, é facto que entra no mecanismo dos governos representativos. Mas o que é novo para nós, o que talvez não tenha exemplos na historia dos outros parlamentos, é o facto de constituir-se uma camara em aberta hostilidade com o governo, só porque este aconselhou á coroa o exercicio de uma de suas mais brillantes prerogativas—a concessão da amnystia ! Uma camara, que assim se pronuncia, oppondo-se formalmente a um acto de clemencia imperial, e quer por este forma destruir um dos meios mais efficazes, com que os monarchas se fazem amar de seus subditos, o anel da cadeia, que os prende na ordem politica, era indigna de figurar ao lado dos corpos deliberantes do estado. Perpetuo entrave para o

governo, que queria apasiguar os animos ainda exacerbados, contraste perfeito dos sentimentos magnanimos do primeiro delegado da nação, devia desaparecer da scena politica, e sò uma dissolução immediata podia trazer esse resultado.

Entretanto o governo sempre sereno em sua marcha, sempre prudente na escolha dos meios para fazer triumphar os seus principios, recuou ante a idea de uma dissolução, e esperou, que primeiro corresse calorosa, como ia, a discussão do voto de graças, verdadeira cavallhada de pra-ser, onde os mantenedores sohem quebrar suas lanças mais em deferencia á sua vaidade dô que em honra dos principios; e só depois de votada a resposta á falla do throno em sentido hostile ao gabinete, tal qual a havia concebido a respectiva commissão, é que se resolveu a lançar mão do unico recurso constitucional, que o podia salvar na perigosa situação, em que se a-

chava— apellar do juizo apaixonado da camara dos deputados para o juizo esclarecido da nação.

As eleições, que então tiveram logar correram senão puras de qualquer excesso, que sempre os ha ainda nos paizes mais traquejados na practica do systema, como na Inglaterra, ao menos isentas de maiores perturbações, qual se pode esperar de um povo ainda novel na observancia das formulas representativas, e o seu resultado, verdadeira expressão da vontade popular, porque nem-uma parcialidade politica foi excluida dos assentos do parlamento, collocou em maioria o partido liberal, a quem então coube a afanosa tarefa de reger os destinos do paiz.

Durante este seu segundo dominio que durou cinco annos, não se fez tudo quanto se devia esperar da probidade politica dos homens, que haviam contrahido os mais solemnes empenhos em face da na-

ção com sua resistencia armada ás leis inconstitucionaes ; mas alguma cousa sempre se fez de util, de grandioso mesmo, para a causa nacional. A lucta fratrecida do Rio Grande do Sul, verdadeiro sorvedouro, que nos consumiu centenas de contos, completo matadouro de milhares de Brasileiros, outros tantos braços arrancados á lavoura, e as outras industrias do paiz, terminou-se felizmente pelo acerto, com que se houve o governo na escolha dos meios para levar a effeito tão desejada pacificação.

Parece incrivel, que uma só provincia *não toda* rebellada podesse arrostar todas as forças do imperio, e zombasse dos mais bem concertados planos, que os nossos generaes executavam em campanha para leval-a de vencida, e fazel-a entrar no regimen legal ; mas o facto é que essa guerra prolongou-se mais do termo ordinario das revoltas, o que sem duvida foi devido á

influencia perniciosa dos saquaremas, que depois de havel-a insuflado contra a politica do regente Feijò, a quem queriam desacreditar por todos os modos, não souberam suffocar a obra de seus desvarios, que veio tomar essa attitude assustadora, cujo desfecho seria fatal ao imperio, a não ser a intervenção da amnistia, que outra politica mais esclarecida concebeu, e realisou um gabinete, que obdecia as inspirações do bem publico. Foi justamente o mesmo espirito, que presidio á pacificação das Alagoas, que se havia revoltado na presidencia do honrado Sr. Souza Franco. Nem é só este o serviço, que se deve á influencia liberal ; prosigamos.

Não se póde negar, e a experiencia o demonstrou, que o decreto n.º 157 de 4 de maio de 1842, que regulava as eleições geraes, e provinciaes, era summamente defeituoso, e deixava ao poder uma somma avultada de arbitrio, de que podia usar

para comprimir o voto nacional ; e o corpo legislativo, compenetrando-se da emergente necessidade de tirar o Brasil do estado de abjecção, a que se via reduzido todas as veses, que tinha de passar por uma d'essas crises febris, votou a lei de 18 de agosto de 1846, que com quanto não seja uma obra perfeita, e incerre mesmo defeitos capitaes, que pedem reforma, melhorou evidentemente o systema eleitoral, dando mais garantias ao povo contra os excessos de poder, e si essa lei fosse fielmente executada, e o governo não tivesse expedido esse chuveiro de avisos, que em lugar de explicarem as duvidas, que se tem suscitado em sua practica, mais servem de augmentá-las, torturando muitos d'elles o seu genuino sentido, não veriamos, como vimos, essas infames saturnaes, que a mentira, e a irrisão approuve chamar eleições primarias!

Mas nada ha n'este mundo por mais

sancto que seja, de que se não possa zombar, e o desrespeito, com que as mais terminantes disposições da lei tem sido tractadas, mormente na parte, em que não consente força armada nas visinhanças do local da eleição, prova de sobejo, que embora se cansem os legisladores em dotar o paiz com leis sabias, e beneficas, os seus esforços serão improficuos, e sua boa vontade illudida todas as veses que os seus executores não quizerem de proposito observar os seus mandados!

Algumas outras leis foram propostas na camara temporaria, e ahi votadas durante o dominio liberal com o intuito de melhorar o estado do paiz, e arrancar-o da humiliação, em que o collocou a influencia saquarema, como a da incompatibilidade dos magistrados, mas ellas foram cahir no senado, que tornado omnipotente em virtude da oligarchia, que ahi se entrincheirou, constitue um novo poder no estado,

que soberano absorve todos os outros poderes !

Dissemos, que pouco se fez n'este dominio, cumpre justificar o nosso dicto, e dar as razões, que motivaram esta conducta do partido liberal. Em primeiro lugar releva notar, que á excepção do gabinete de 31 de maio de 1848, nunca os liberaes tiveram exclusivamente um ministerio de seu lado. Não o foi o ministerio de 2 de fevereiro de 1844 completo em 23 de maio d'esse anno; não o foi o de 2 de maio de 1846; não o foi o de 22 de maio de 1847 completo em 15 de julho do mesmo anno; não o foi o de 9 de março de 1848 completo em 14 de maio do mesmo anno, com quanto em todos elles entrassem membros distinctos do partido liberal. D'aqui nasceu essa falta de enthusiasmo, com que a camara quatrienal secundava a marcha d'esses gabinetes, que apoiava antes por um dever de honra, e necessidade da si-

tuação do que por sympathias de commu-
nhão de principios. E nem era possivel
mesmo dar-se um appoio mais franco a
gabinetes, cuja composição singular de
elementos heterogencos importava uma es-
pecie de antagonismo entre os seus diver-
sos membros.

E se não, digam-nos que liga por exem-
plo podia faser no gabinete de 2 de feve-
reiro de 1844 o consumado estadista o Sr.
Alves Branco com o tresloucado e inconse-
quente Sr. Holanda Cavalcanti? Que com-
binação possivel haveria entre os membros
do gabinete de 9 de março de 1848? Se o
presidente do conselho (finado visconde de
Macahé), a alma do gabinete, representava
o arrependimento de seus passados actos,
e queria congraçar-se com os seus correli-
gionarios de outr'ora, se o Sr. Manoel Fe-
lisardo era a perfeita encarnação dos sa-
quaremas, se o Sr. Pimenta Bueno não
pertencendo a partido algum era proprie-

dade litigiosa de todos os partidos, se o Sr. Limpo d'Abreu começava a voltar as costas aos seus antigos alliados, se os Srs. Antão, e Dias de Carvalho eram membros proeminentes do partido liberal, que figura fasia este ministerio ? Não era elle um verdadeiro mosaico, como engenhosamente o disse na tribuna o nosso distincto cor-religionario, e amigo o Sr. Rodrigues dos Santos? Que homem politico em consciencia podia appoiar esta entidade governativa, que para cumulo da extravagancia havia inscripto em sua bandeira—justiça, e tolerancia—como se justiça e tolerancia não fosse um dever de honra de todos os governos, como se justiça, e tolerancia fosse uma novidade, que devesse servir de programma politico de um ministerio?

Em nossa opinião a camara obrou em conformidade do systema representativo, negando a sua confiança a um tal ministerio, aliás ver-se-hia retalhada em tantas

Fracções, quantos fossem os grupos de opiniões contidas no gabinete, o que seria uma anarchia parlamentar, que envolveria em si todos os germens de uma prompta destruição.

Que reformas radicaes pois se podiam intentar á vista do espirito fluctuante, que presidia ás administrações? Nem umas; e quando na camara as propusessem, teriam de ser indefinidamente addiadas, porque esses gabinetes sem solidariedade não estariam de accordo sôbre taes reformas, e não podia a camara constitucionalmente marcha em negocio de tamanha transcendência sem o concurso, e luzes do governo. Estes dous poderes não foram creados para se guerrearem perpetuamente, ou se olharem com indifferença, mas sim para se auxiliarem na confecção das leis, que interessam a sorte do paiz; e quando não se comprehendem, preciso é po-los de accordo—ou dimittindo os ministros da coroa, ou dissolven-

do a camara electiva. E' nisto, em que consiste a belleza dos governos constitucionaes, e os faz preferiveis a outra forma de governo. O partido liberal não podia remover estes inconvenientes, que deixamos apontados, a não possuir a vara do condão, com que os magicos faziam desaparecer os obstaculos e nascer as possibilidades.

E' verdade, que o gabinete de 31 de maio de 1848 era exclusivamente liberal, e parecia então occasião asada para effectuar-se essas reformas, attenta a uniformidade de suas vistas com as da camara dos deputados. Não sabemos porém que má estrella presidiu o nascimento d'esse gabinete, que foi constantemente contrariado em seu pensamento governativo, e sempre victima de enredos subterraneos. Tendo contra si a maioria facciosa do senado, que duas vezes ousou nullificar actos da coróa, havendo indisposto (não sabemos porque) certas influencias de reposteiros, a cuja frente se dizia postado

um medico do paço, não podendo dimittir se quer um empregado de maior categoria, que hostilisava a sua politica, o ministerio Paula Souza se tornou impotente para realisar as grandes ideas do partido liberal. Daqui os desgostos do presidente do conselho de ministros, e sua retirada a São Domingos; d'aqui a vida de expediente, que adoptou o ministerio em sua auzencia; d'aqui finalmente a marcha incerta e vacillante da camara temporaria.

N'este estado de desanimo o que fazer-se? Quando se tracta de reformar o que ha de pessimo, e vicioso na legislação de um paiz, quando essa reforma tem de tocar abusos enraizados e destruir preconceitos, é de necessidade, que o corpo legislativo possa contar com a coadjuvação do governo para marchar desassombrado n'essa estrada semeada quasi sempre de abrolhos, e dificuldades, e o ministerio para dar esta coadjuvação precisa a seu turno estar for-

te de sua posição, e ter consciencia de que possui em toda a sua plenitude a confiança da corôa; só assim é que alguma cousa de util, e proveitoso se pode intentar em beneficio do paiz.

O gabinete liberal porém, como já notámos, não podia pôr-se á frente, e nem de longe acompanhar essas reformas quaesquer que fossem, porque uma potencia mysteriosa (sem explicação constitucional) paralytava toda a sua acção, e tolhia seus menores pensamentos no desenvolvimente de seu programma politico. Foi isto uma realidade, que todos presenciámos, o que demonstra claramente o quanto está falseado entre nós o systema representativo, e nem o partido liberal quiz encetar reforma alguma á vista dos obstaculos, que se amontoavam em redor do gabinete, em quem depositava a mais decidida confiança. Eis porque não se tocou na lei das reformas judicarias, cuja inconstitucio-

nalidade não se pôde pôr em dúvida; eis porque não se mortificou a lei do conselho de estado, monstruoso parto do egoismo d'um partido; eis porque deixou de fazer-se tudo quanto o Brasil tinha direito de esperar da unica politica consentanea aos seus interesses.

Quanto a nós, seremos francos em o dizer, a unica falta que os liberaes commeteram, mas de que podem ser absolvidos pelas circumstancias, que se agruparam em seu favor, foi o não ter feito tudo quanto d'elles dependia, propondo o projecto de reformas d'estas duas leis, que motivaram a revolta de 1842. Votasse a camara dos deputados sobre estes dous importantes pontos, embora fosse tudo cahir ante a omnipotencia do senado, que tinha desempenhado um dever de honra contraído á face da nação, e seus inimigos não nos viriam com todo o fel da malignidade lançar em rosto a esterilidade dos cinco

annos que se volveram. Os partidos politicos devem ser sempre consequentes em suas doutrinas, quer na opposição, quer no poder, sob pena de não serem acreditados na sinceridade de suas convicções. Doe-nos dizer éstas verdades, mas o dever de escriptor a isso nos força — *amicus Plato, amicus Aristoteles, sed magis amica veritas.*

Temos pois apresentado muito em resumo os principaes actos do partido liberal em parallelo aos dos saquaremas, e d'esta exposição ver-se-ha a enorme differença, que vae entre nós e elles. Os saquaremas, quando no poder só se fartam de violencias, e atrocidades, não escrupulisam diante dos golpes d'estado, que multiplicam em favor do seu dominio; os liberaes seguem as vias da brandura, appoiam-se na santidade das leis, e recuam diante dos meios extra-legaes, como perigosos, e indignos de uma politica, que só tem em

mira os interesses do povo. Os saquaremas pregam e executam o exterminio dos seus contrarios, não duvidando proscrever as massas de envolta com os chefes, como em Pernambuco; os liberaes tendem sempre para a indulgencia, pré-gando até a conciliação dos partidos, e não só poupam as massas, como ainda aos mesmos chefes, como nas Alagoas, e Rio Grande do Sul. Os saquaremas provocam abertamente as revoltas no paiz, e discipulos aproveitados da escola material, que só incherga infallibilidade no emprego da força bruta, lançam mão do ferro, e fogo para extinguir as mesmas revoltas; os liberaes sectarios dos meios, que falam á razão, e á intelligencia, procuram pela persuasão chamar os dessidentes á ordem, como practicou o finado Alvares Machado com os revoltosos do sul, e extinguem as rebelliões por actos de clemencia. Os saquaremas appoiados na bem

conhecida maxima — ou nós ou vós — julgam salvar o estado, excluindo de todos os empregos os seus adversarios; os liberaes (sempre em anthithese com elles) repartem os empregos com os seus inimigos, preterindo muitas vezes para accommoda-los os seus mais prestantes aliados. N'uma palavra os saquaremas symbolisam a fôrça material, que tudo comprime, e aterra, gerando odios profundos contra o poder, que a emprega; os liberaes a intelligencia, que falla aos corações, conquista as mais rebeldes vontades, e produz o germen salutar do amor dos povos. Que distancia immensa entre uns e outros?

Os Caligulas, e os Neros só aterraram ao munda pela recordação horrorosa de seus feitos sanguinarios; os Titos e Antoninos, considerados delicias de Roma, foram chamados os paes da patria. Para os saquaremas pois o horror dos coetaneos,

e o juizo severo da historia, que condemnou os primeiros ; para os liberaes a veneração da posteridade, e essa gloria indelevel, que rompendo a travez dos seculos tem immortalisado o nome dos segundos. Castigo para uns por suas iniquidades; premio aos outros por seu amor a justiça, e respeito a humanidade.

Antes de findarmos este artigo, faremos uma pergunta, que se nos suscita por associação de idéas. Qual destes dous será o partido nacional? Grande celeuma vae por certo originar esta pergunta, quando ambos se attribuem as honras de representar fielmente a maioria do paiz; mas em nosso ver nada mais facil do que reconhecer o partido nacional nas tendencias progressivas de um d'elles. A compressão e a violencia nunca foi o estado normal de uma nação, porque ella, marchando invariavelmente na estrada da illustração, sò procura os meios legitimos para a consecução de

seus fins ; mas a compressão, e a violencia, manietando os individuos com os liames do terror, faz retrocede-los em sua peregrinação pacifica, e a nação, que é a somma dos individuos, não pode chegar ao estado de perfectibilidade, para que caminham todos os povos do globo, em quanto que a sua acção for assim enervada. Os partidos em minoria, que não tem a seu favor a força da opinião procuram suppri-la pela força do terror ; não podendo ser amados querem ser temidos, e d'ahi as violencias, e atrocidades, com que se conquinam para assegurar-se do poder. Foi o que succedeu em França na lucta, que na convenção se originou entre o partido legal da Gironda, e o partido revolucionario da Montanha. Este ultimo quiz surprehender ao primeiro, espantando-o, e o conseguiu, porque o desfecho foi a completa derrota dos Girondinos.

Um partido em maioria não tem neces-

sidade de recorrer as vias extremas, por que é elle quem symbolisa os interesses da nação, e o seu reinado é o reinado pacifico da justiça. Todo o partido, que lança mão da violencia, desconfia por sem duvida de sua popularidade. e esta desconfiança nasce do fundado receio de sua fraquesa numerica, e por isso vae buscar em outra parte o apoio, que ahi lhe falta; este partido dizemos nós, não representa a maioria da nação. Appliquemos o raciocinio a actualidade. Onde par tem quotidianamente as violencias? Dos saquaremas. Logo os saquaremas estão em minoria, e aos seus contrarios cabe a honra de ser o grande partido nacional.

Mas travada a lucta, como se acaba, lucta de vida, e morte entre os dous partidos quem triumphará? A historia, que nos faz contemporaneos de todos os feitos, cidadãos de todos os paizes, nos ensina que nas arriscadas pugnas entre o despo-

tismo, e a liberdade a victoria é sempre d'esta, embora se amontoem perseguições, e se accendam as fogueiras — que do sangue dos martyres nascem novos apóstolos, que pregam com mais fervor a ortodoxia das doutrinas. Foi assim que triumphou o Christianismo, essa religião civilisadora, que gravou no coração dos povos o sacrosanto amor da liberdade.

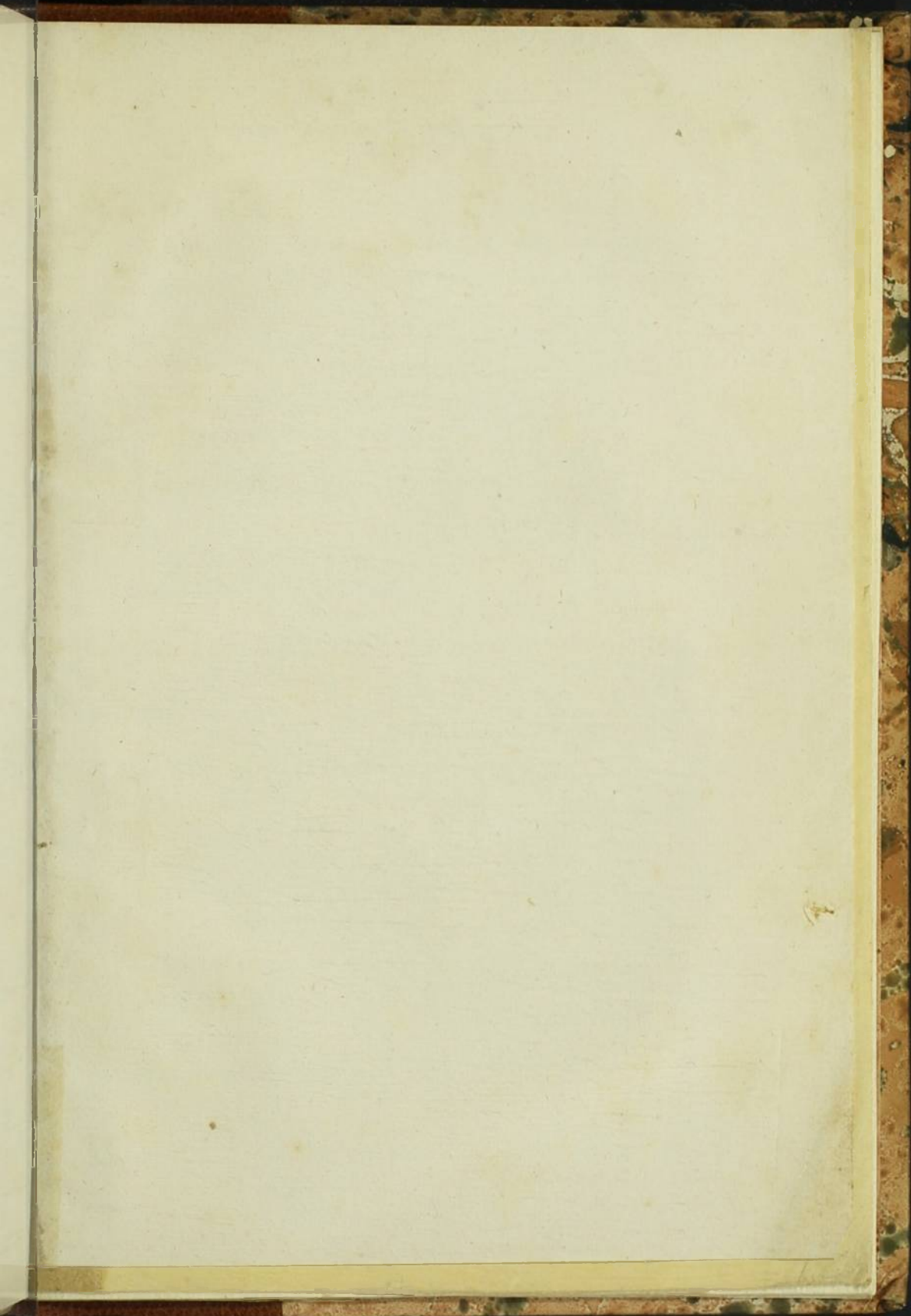
Quando Napoleão agrilhoava com grossas cadeias os destinos da França; quando o mundo inteiro só ouvia os ruidos dos seus passos, escutava attento a fama de suas victorias, e pasmava a omnipotencia de sua vontade, a que tudo se curvava; quando esse soldado coroadado, monarcha da fortuna, teve a seus pés sceptros e coroas, e appoiado no prestigio de seu genio derrubou, levantou, e distribuiu reinos, elle obscuro corso, que era, pequeno cidadão de Ajacio, tinha antes desfechado os mais penetrantes golpes

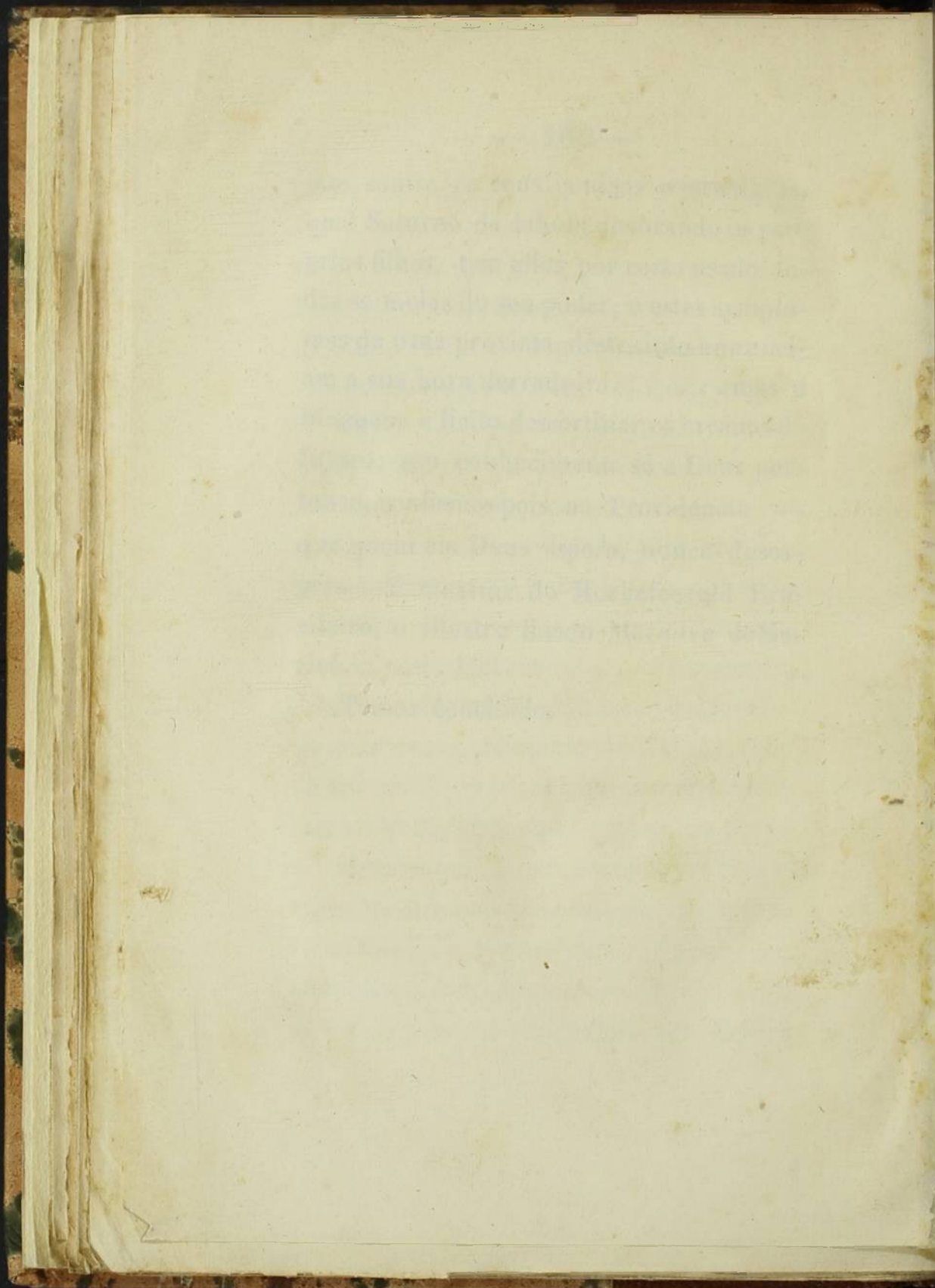
contra a liberdade do seu paiz, que parecia haver dado os ultimos arrancos, esmagada por sua manopla de ferro; mas ninguem conspira impunemente contra ella, e esse navio, que silencioso sulcava a vasta planicie do oceano, conduzindo os destinos do mundo, foi largar entre os inhospitos rochedos de Santa Helena o vencedor de Marengo, e Austerlitz, o heroe de mil batalhas, que ali se finou no meio da miseria, baldado de todos os recursos, dizendo aos que o rodeavam — pequei contra a liberdade de meu paiz... .. eis ali o meu fim. Exemplo terrivel, lição severa, fim tremendo, que a Providencia tem reservado aos oppressores da liberdade, porque ésta mais cedo, ou mais tarde readquire todos os seus foros!

Quando porem terá lugar tão desejado triumpho? Todas as vezes, que os partidos oppressores tem percorrido o longo teclado das violencias, e furiosos se vol-

tam contra os seus amigos e creaturas, qual Saturno da fabula devorando os proprios filhos, tem elles por certo usado todas as molas do seu poder, e estes symptomas de uma proxima destruição annunciavam a sua hora derradeira. mas a ninguem é licito descortinar os arcanos do futuro; seu conhecimento só a Deus pertence, confiemos pois na Providencia — que quem em Deus espera, nunca desespera — é maxima do Rochefecauld Brasileiro, o illustre finado Marquez de Maricá.

Temos concluido.





1. Tratado de la naturaleza y propiedades de los
animales, de Plinio el Viejo, traducción de Juan
de Soto, Madrid, 1575, 2 vols. en folio.
2. Historia natural de Plinio el Viejo, traducción de
Juan de Soto, Madrid, 1575, 2 vols. en folio.
3. Historia natural de Plinio el Viejo, traducción de
Juan de Soto, Madrid, 1575, 2 vols. en folio.
4. Historia natural de Plinio el Viejo, traducción de
Juan de Soto, Madrid, 1575, 2 vols. en folio.
5. Historia natural de Plinio el Viejo, traducción de
Juan de Soto, Madrid, 1575, 2 vols. en folio.
6. Historia natural de Plinio el Viejo, traducción de
Juan de Soto, Madrid, 1575, 2 vols. en folio.
7. Historia natural de Plinio el Viejo, traducción de
Juan de Soto, Madrid, 1575, 2 vols. en folio.
8. Historia natural de Plinio el Viejo, traducción de
Juan de Soto, Madrid, 1575, 2 vols. en folio.
9. Historia natural de Plinio el Viejo, traducción de
Juan de Soto, Madrid, 1575, 2 vols. en folio.
10. Historia natural de Plinio el Viejo, traducción de
Juan de Soto, Madrid, 1575, 2 vols. en folio.

A TYTOGRAPHIA IMPARCIAL de Santos, acha-se habilitada para contractar a impressão de qualquer obra, para o que tem excelentes materiaes, grande variedade de typos e vinhetas, e alem de um outro possui um optimo prelo de ferro que faz a mais nitida impressão.

As obras que estão a imprimir se, e para as quaes se tomam assignaturas, tanto n'esta Typographia, como em todas as agencias do *Mercantil* e *Nacional*, de Santos são as seguintes.

CAMÕES drama historico em 3 actos e 6 quadros, de F. M. Raposo d'Almeida 1 vol. 2 \$ 000.

AS FOLHAS DE UM ALBUM, ou *Recor-
dações da Patria* pelo mesmo: 2 vol 4 \$

MARTIM DE FREITAS, drama historico do mesmo author: 1 vol. 2 \$ 000.

TRATADO DE MEDICINA HO OEOPATICA pelo cirurgião Sr. Pedro Antonio d'Oliveira 1 grosso vel. em 8º portuguez 8 \$ 000.

A ASSACINA, romance original de costumes paulistanos pelo Sr. Antonio Joaquim da Reza: 1 vol. em 8º 1 \$ 000.

PEDRO ZENO, drama original do Sr. José Bonifacio d'Andrada e Silva: 1 vol. em 8º 1 \$ 000.

ntes
in-
tem
le
s
luz
pe
ano
s as
do-
ie 6
la 1
or-
o
oio
vra
rei-
oio
sta-
nim
Jo-
em

215

